



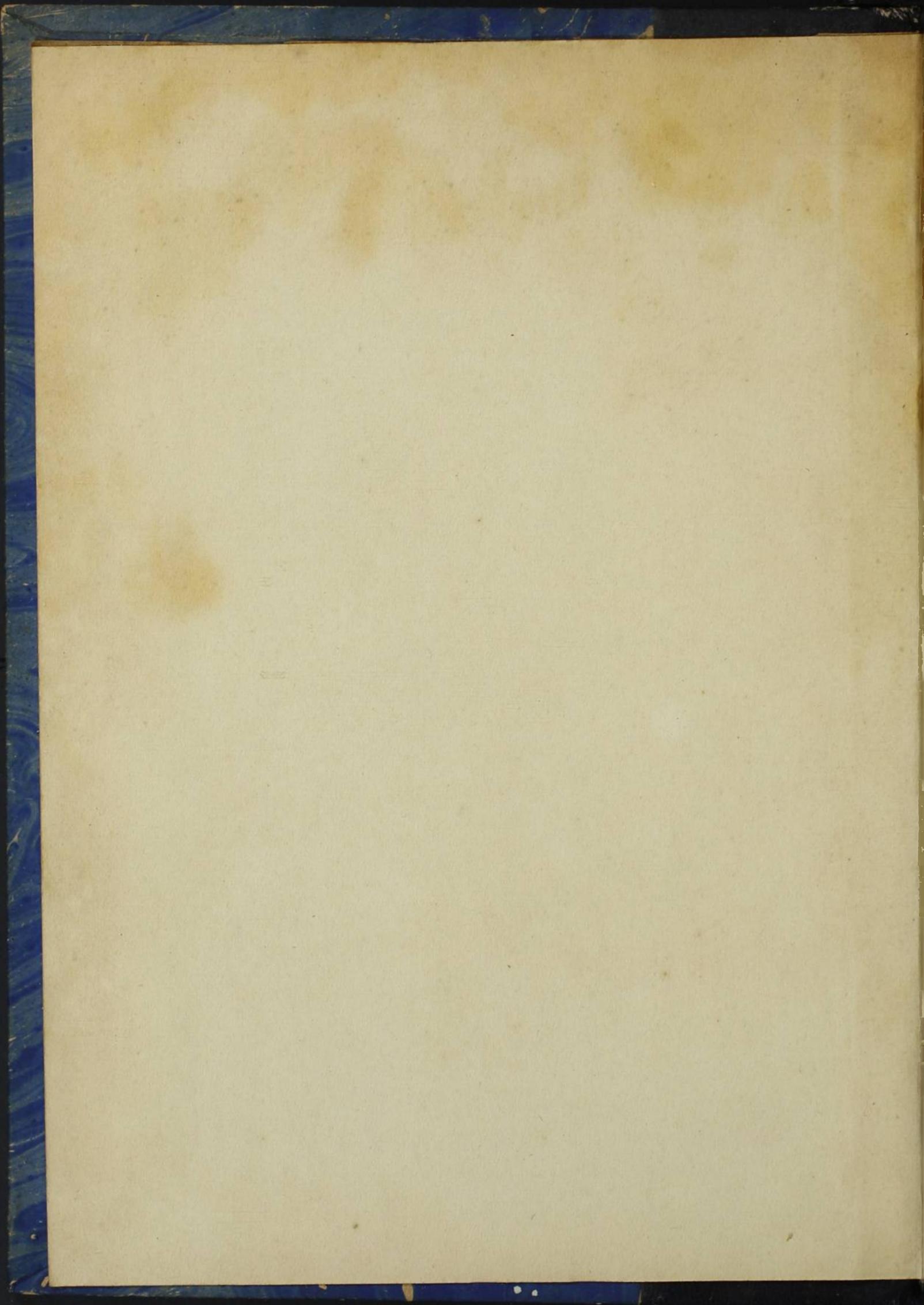
Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

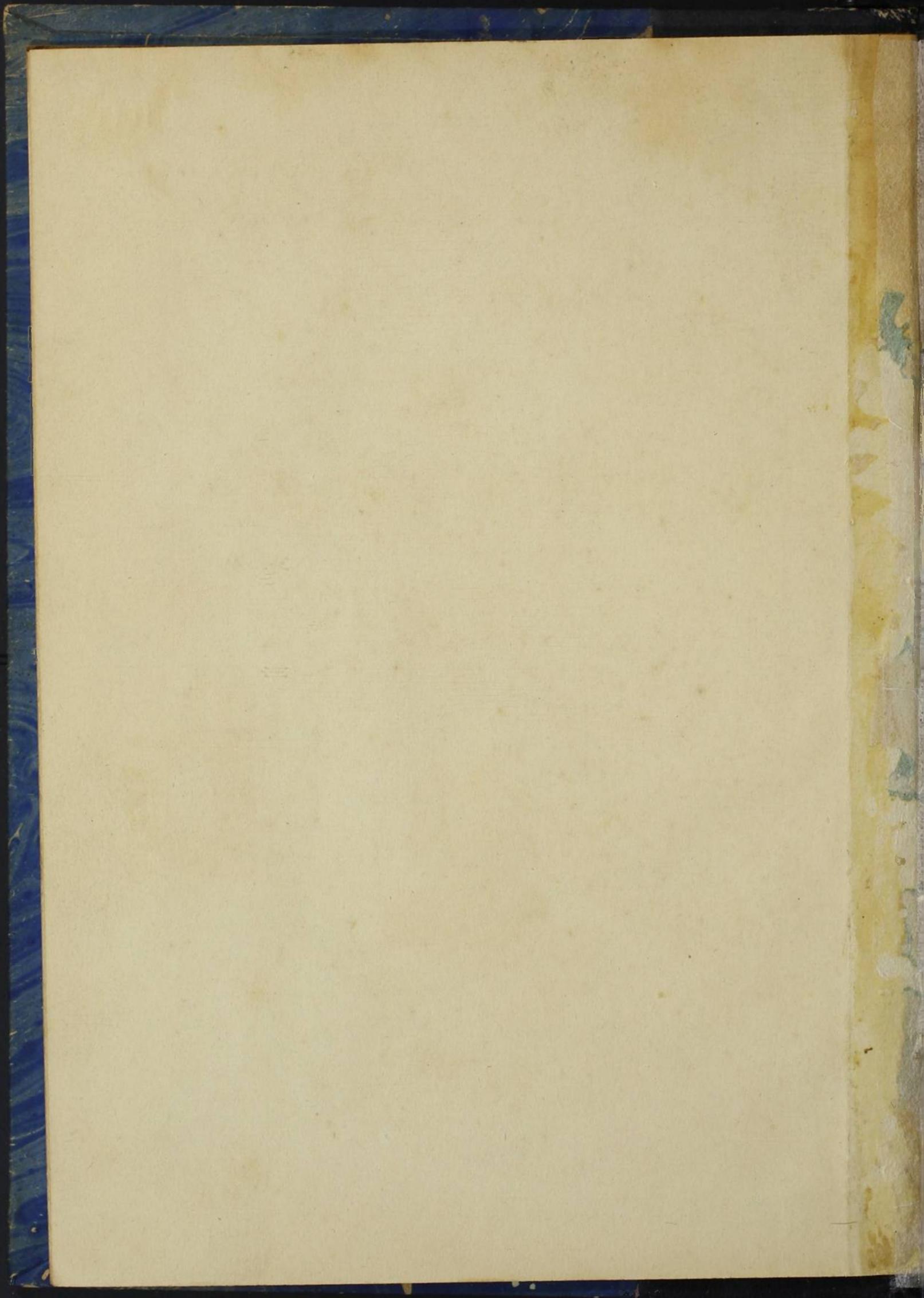
Ex Libris
José Mindlin





300

500



OS INGLEZES

NO BRASIL

COMEDIA EM DOIS ACTOS

PELO

D. JOSÉ LOPES DE LA VEGA.

Quid enim late nocum, quam adolescentulum
privatum difficile republicam, tempora con-
ferri? consecit! Rem optime ductu suo ge-
neri gessit. (cena.)



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA PARISIENSE, RUA DA QUITANDA, N. 68.

1850

PERSONAGENS

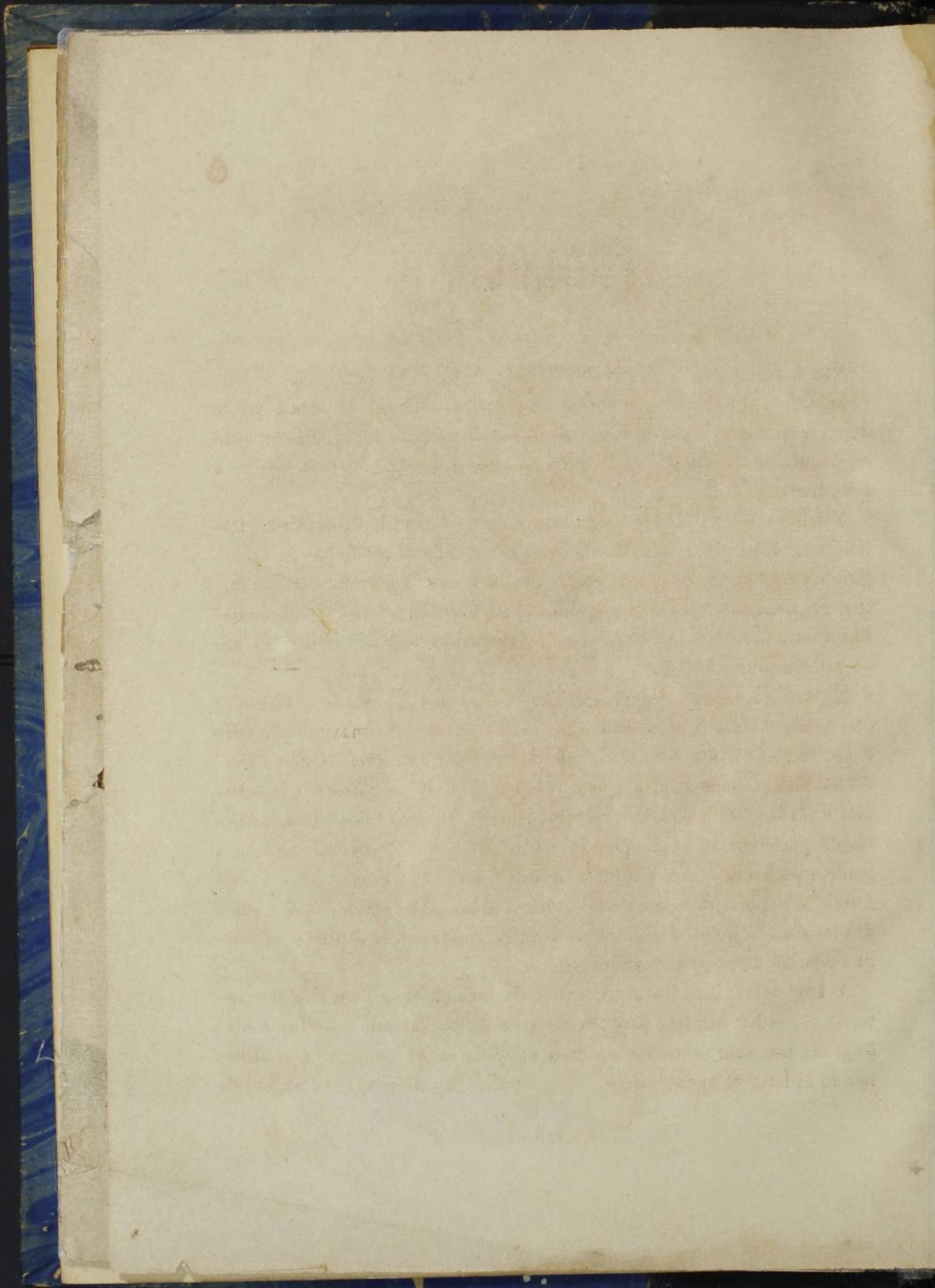
MATTOS COUTINHO, doutor em leis;
CAPITÃO BARBOSA, tio do doutor;
ADELIA, noiva do doutor;
MULEY, criado do doutor;
M. CAMPBELL, negociante;
M. BAWN, seu amigo, e socio;
RÓOM, criado de Campbell;
MENEZES, chefe de policia;
BOTINI, tocador de harpa;
Anjos, povo, soldados, e famulos.

A scena passa-se no Rio de Janeiro, quinze dias depois da pirataria
inglesa em Paranaguá.



A MEUS QUERIDOS PAIS

HOMENAGEM DE RESPETO E AMOR FILIAL.



PROLOGO.

Não é a ambição de um nome litterario que nos leva a publicar este opusculo, talvez cheio de imperfeições, nem a vaidade nos cega a ponto de o julgar digno do louvor, e sympathias do publico, de quem sómente esperamos indulgencia: não podemos fazer o bom, incitamos outros a fazer melhor.

Nascido sob o sol da Hespanha, hospede na terra de Santa-Cruz, testemunha dos ultimos acontecimentos, não podémos ver impassivel o orgulho d'essa nação que, arrogante com os fracos, traiçoeira com os fortes, empregando alternadamente a força e a perfidia, ambiciona dominar o mundo inteiro: o Brasil como a Hespanha tem sido o theatro das — *proezas britannicas!*...

Mortaes racionaes, ouvi! escriptores famosos, homens illustrados que aconselhais o bem, e amenisais vossas obras com maximas de edificante virtude! interessai vosso talento em favor da humanidade afflicta, d'essa humanidade contra quem pelejam as mais vis paixões e proclamai a verdade com os labios da innocencia! Homens scientificos, talentos de preferencia, verdadeiro thezouro das nações! auxiliai-me com o genio vosso, a realçar a virtude e fulminar o vicio! a desmascarar e confundir a hypocrizia britannica!... Fazei triumphar a verdade aos alhos dos incautos a quem deslumbra o orgulho d'essa nação sentada no sangue e ruina de nações magnanimas!...

A Inglaterra, intitulada protectora da raça africana, em demazia covarde, e sempre ardilosa procura evitar a unica infamia que lhe resta, fingindo um odio de morte aos traficantes de carne humana; e abandonando ás feras os agentes desse infame trafico, apodera-se das imagens de

Deos enganadas para com ellas cultivar os campos de seu dominio, cujo roscio é o sangue dos miseraveis escravos, victimas da sua perfidia!

É tempo que o mundo aprenda a detestar essa nação tyranna, que cheia da ambição mais feroz, não recua ante os meios mais infames, para dar leis ao universo: essa nação que tem tantas vezes empregado o fogo dos covardes e traidores contra a marinha das mais nações afim de ser — RAINHA DOS MARES — e assombrar, com o estampido da sua artilharia, e ondulações do seu pavilhão, o espaço que vai do Tejo ao Indo, do Prata ao golfo do Mexico!

Depois que os Leões da Hespanha derao curso ao Leopardo britannico, não cessou a Inglaterra de afiar suas garras contra tudo o que se oppunha a sua cobiça! Ella tem sido a causa dos cataclismas que por tantas vezes tem ensanguentado a Europa; e depois de encher esta parte do mundo de desolação, depois de, na Africa, Oceania, e principalmente na Azia, ostentar o seu poderio brutal com scenas de sangue e horror que exceedem tudo quanto lemos dos Neros, Caligulas e Rosas, vem com a mascara da philanthropia pregar na America a abolição do trafico!...

Longe de nós a menor sympathia para com essa especulação infame ou seus agentes odiosos, antes reprovamos com indignação os erros dos homens á quem, como á Inglaterra, cega a ambição do ouro e os torna algozes dos seus irmãos; mas o que nos revolta é ver que essa nação invocando—humanidade—philantropia—quer pôr o cúmulo ao numero já infinito de suas torpezas, arruinando a agricultura brazileira! sim a Inglaterra vê com ciume a agricultura deste solo abençoado protegido por um governo illustrado, e cheio de patriotismo marchar com passos gigantescos no caminho do progresso, e ameaçar de ruina completa as suas colonias! por isso quer descarregar-lhe um golpe de morte, muito embora os Brazileiros unidos ao mundo inteiro clamem depois:

Vergonha á Inglaterra!...

Opprobrio ao nome inglez!...

O AECTOR.

OS INGLEZES NO BRASIL

COMEDIA EM DOIS ACTOS.

ACTO PRIMEIRO.

O salão representa um jardim circular com aléas de arvores aos lados; uma fonte no meio, e assentos coroados de trepadeiras; duas portas lateraes e uma no fundo. Depois de entrarem e sahirem pessoas de ambos os sexos pela porta do fundo, ficão em scena o Doutor com seu tio, no mesmo assento, Mr. Campbell com seu amigo, Menezes só, e Botini tocando na sua harpa tambem só.

SCENA I.

DOCTOR, accionando com emphase.

Na verdade, meu querido tio, que é infame a conducta destes ingleses piratas que se intitulão civilizadores!... Que pessoa de sangue nobre poderá soffrer o que fazem estes miseraveis em nossas praias e povoações?

CAPITÃO.

Sem dvida meu caro sobrinho, não há nenhum brasileiro amante do seu paiz como nós somos, que não sintã ferver-lhe o sangue nas veias como a lava d'um volcan, á vista do que acabão de praticar no nosso Brasil os marujos da insolente Albion. Caspíte! entrar-se em um porto, queimar seus navios, e depois fazer fogo sobre os seus pacificos habitantes!...

DOCTOR.

Nimum satis est. Não é tempo de que todas as nações de coragem se unão indissolvelmente e caião sobre esse governo infame, vil, corruptor e maligno? Porque soffrer por mais tempo a arrogancia d'uma nação que arruina nosso commercio e industria nascente? E' certamente insupportavel o proceder desta raça perversa: com um *bill* na ponta da espada entrão n'uma fortaleza, intimão a guarnição, rasgão e pizão aos pés a sua

bandeira... *We are Inglo and queimando by tener bill por bill escota bill de Palmerston ! Miseria ! Vileza ! Cobardia !*

CAPITÃO.

Sobre tudo meu caro sobrinho, fazer em pedaços a bandeira nacional ! Oh ! no dia desse fatal acontecimento pensei morrer de dôr : resta sómente que nos vedem ser catholicos porque assim o ordena Lord Palmerston : —Mando e ordeno que por deliberação de minha vontade—Soberana—seja lido o meu *bill*, e em seguida desistão de suas crenças. Procurai varões illustres, que não se possa dizer n'algum tempo, que por nós foi reduzida a Igreja ao esearneo e vilipendio, e que nos julguem indignos de figurar entre as nações cultas : — eis ahí o que falta, querido sobrinho.

DOCTOR, *com emphase.*

Usque tandem Catilina abutere patientia nostra ?

CAPITÃO.

Que queres meu caro sobrinho ? Assim vão as cousas, e assim hão de marchar até que o Etna faça uma explosão sobre o gabinete de S. James. Nas regras universaes de toda a nação em particular, a moral que domina todos os instinctos, estabelece canones severos, cuja justiça não tem um só contradictor: encerra-se o demente, prende-se o frenetico, e condemna-se á morte o assassino : porém que na grande sociedade das nações que constitúe o genero humano brotem a milhares as loucuras; os frenesis, e assassinatos de um Tiberio, d'um Rosas, d'um Oribe, d'um Palmerston, d'um Parker, Radeski, Meynau, etc.... Oh ! então a moral positiva como a instinctiva desaparecem para dar lugar a outra moral ficticia, convencional, e acomodativa.

DOCTOR.

Ah ! Nece fulminantes magni Jovis manus...

No commercio da sociedade civil ninguem ousará apparecer nas ruas publicas dando o braço a um réo de profissao, ao ladrao famoso, ao assassino reconhecido; mas nas relações de nação a nação os grandes crimes d'um governo são olhados sómente de lado pelos demais, ou fovorecidos talvez pelos sorrisos da diplomacia.

CAPITÃO.

Porém esses que se calão deverião pôr ao menos em accção a palavra reprovativa; esses crimes produzem quando mais o silencio que é justificado

invocando-se a palavra circumspecção; virtude equívoca que tantas vezes não é senão o manto da mediocridade, da indiferença ou da fraqueza !

DOCTOR.

Certus locus, certa lex, certum tribunal !... Assim, todos os governos da terra, estão hoje convencidos de que o governo inglez é effectivamente usurpador : quem tem envenenado e decapitado a milhares, tão sómente para roubar seus bens, amigos ou inimigos, perigosos ou inoffensivos, sem excluir as virgens a quem primeiro estupra, não é senão um monstro na ordem social !...

Todos os governos o sabem, o vêem e sem embargo crusão com elle as mãos !... Porque essa perversão nas primeiras idéias da moral, tão rígidas quando se applicão a um membro d'uma comunidade particular, tão flexiveis quando se trata de um membro da comunidade das nações ? Se o crime de uma authoridade além de contar-se isento e seguro da punição material, se ha de contar tambem seguro e isento da pena moral qual deve ser então o freio que poderá contel-a em seus limites ? Qual a distincção, a recompensa, o estímulo do bem nos governos ?

CAPITÃO.

Já o disse caro doutor, a bondade intrinseca da doutrina que inflinge a pena moral aos excessos do despotismo, oppõe-se á circumspecção que aconselha não provocar, ou não augmentar a animosidade dos governos arbitrarios, porque podem descarregar sobre os demais as suas iras !

DOCTOR.

Pallida mors equa pulsat pumperum tabernas, regumque turres ! E por que temer aos Inglezes ? que vale sua marinha, quando uma nação está disposta a derramar até a ultima gotta de seu sangue antes de ceder-lhes uma pollegada de terreno ? Dizem que nos bloquearão !... que nos ponhão sua esquadra nos mórros, que tambem Espartero respondeo quasi em termos iguaes a Luiz-Philippe quando o ameaçou com seus canhões. — Que traiga sua esquadra a Castilha : — exclamou o illustre guerreiro.

CAPITÃO.

Refizamo-nos tão sómente á Europa, caro sobrinho, que é a que pode fazer frente a esse brutal governo : a essa Europa que assim renuncia a missao gloriosa que, sem algum detrimento dos principios da lei commum das nações, estava destinada a cumprir na America, pela força invencivel dos acontecimentos, pela influencia de sua civilisação, pelo pres-

figio da sanção moral, e pelo écho do seu nome: essa Europa que nos representa quasi selvagens, que affirma que a nossa quasi barbaria a prejudica, criando-lhe perpetuas difficuldades, e que toda via de lara — que é preciso contemplar os despotas verdadeiramente selvagens do governo Inglez!

DOUTOR, *exasperado.*

O que mais me confunde é ver que os grandes governos da Europa assegurão que obrar contra o gabinete de S. James, ou stigmatizar parlamentarmente seus excessos, seria pôr em perigo seu commercio, segurança e prosperidade futura! Não tenho a intenção de apreciar agora a força de taes receios, pois considero a materia somente em relação á moral politica; direi unicamente que se eu fosse homem publico, abrigasse temor e tivesse na mão os interesses e o credito de uma grande nação, ainda que esta não tivesse escripto em seus codigos instituições e fraternidade, seria o ultimo em revelar esse temor e a adoptar a doutrina do—deixai passar.—Como! (*machinalmente*) vós que dizeis temer que o governo inglez se vingue brutalmente em individuos innocentes e irresponsaveis pelos actos de seus governos, não confessais nisso mesmo que vedes no governo inglez um governo barbaro, que está fóra das condições normaes da civilisação actual? sim, confessai-o implicitamente; que remedio achais em vossa politica, em vosso saber, em vossa moral, na vossa energia e no poderio de vossas acções para acautelar-vos contra um barbaro?

CAPITÃO.

Fazer-lhes saber que temem seu vandalismo, não é assim caro doutor?

DOUTOR.

Justamente, assim me parece. Reconhecem que devem protecção activa ao commercio, ás propriedades e pessoas de seus filhos, e ao mesmo tempo vem declarar na tribuna que a resignação é o unico meio contra a insolencia dos barbaros: Horror! horror! como disse Shakespeare.

CAPITÃO.

E James Duff tambem disse:

Com caracteres de sangue
Gravou natura em minha argentea fronte,
Morte aos meos adversarios!

E voltando ao assumpto direi que esses governos fazem ver a todos os

governos mãos que hajão ou possam haver, que por mais despoticos ou arbitrarios que elles sejam, não só terão mais segura sua impunidade ainda moral, senão que maiores serão para com elles as differencias dos bons governos, em rasão de que quanto mais revoltantes forem seus excessos, mais receio inspirem de commetel-os ainda maiores !

DOUTOR.

Essa é a moral pratica que em virtude da questão do trafico vem ostentar no Brasil a orgulhosa Inglaterra, em uma nação nova que tanto precisa de soberania nacional ! em uma nação tao disposta a acolher os filhos d'aquelle governo infame, e prompta a deixar fecundal-a e revertel-a em fructos abundantes !

CAPITÃO.

E' verdade caro sobrinho, isso e o que acontece, porém julgo que não devemos pensar mais nisso : vamos para cidade assistir a representação da opera *Não Vasco di Gama*.

DOUTOR, *levantando-se.*

Pois vamos meu tio, vamos : veremos cantar essa linda Italiana, lirio dos prados, anjo de harmonia ! oh ! que arcos, que emoções sente a alma com as vibrações d'aquella voz divina ! a illusão cede á realidade, a natureza toma um novo aspecto que nos embriaga e envolve, n'um brisa suave como a que dá vida às flores ao nascer da aurora !

CAPITÃO, *tomando o braço do doutor.*

Na verdade, querido sobrinho, que sois o mais sincero e devotado apologistista da celebre Condessa ; em teu lugar exprimiria na linguagem dos vates esse arrebatamento que revela a mais decidida admiração pela senhora Ida Edelvira !

DOUTOR.

Negar que sou um admirador da senhora Ida seria negar que a terra é um planeta ; todavia confesso que a senhora Candiani canta com uma melodia que embriaga : ambas tem dons preciosos, que só um necio poderia contestar. Se fallo com mais enthusiasmo da senhora Ida é por que tem certa apparencia, que ao vê-la, me faz lembrar de uma pessoa... que eu amo ! por isso adopto o vosso concelho de cantal-a na linguagem dos vates.

O' em branca neve e purpura banhada
Edelvira gentil, anjo de harmonia ;

Candido Cysne da Ausonia celebrada !
Qual a mais formosa d'entre as flores
Pode competir com teus primores ?
Quem poderá com tanta melodia
Enviar ao Céu divinos cantos !
Quem , pressuroso , a vida não daria
Para ouvir de tua voz doces encantos ? ..

CAPITÃO.

Bravo ! muito bem meu caro sobrinho, já vejo que sois um compendio de variados conhecimentos ! Agora, vamo-nos, não é verdade.

DOUTOR.

Sim meu bom tio, já é hora. (*Sahem de vagar.*)

SCENA II.

DOUTOR , CAPITÃO , CAMPBELL , BROWN.

O Doutor com seu tio dirigem-se á porta do fundo para sahirem, e Mr. Campbell com seu amigo vem-lhe ao encontro e pede sua attenção.

CAMPBELL , *com o chapéo na mão.*

Eu wich he ouvir fallar de Inglis e governantes approched zangado, e querer satisfantia.

DOUTOR , *deixando o braço de seu tio.*

Que se lhe offerece ao Senhor ?

CAMPBELL.

Eu thysel offendido não suffre de insultante governo.

BROWN , *com ironia.*

Justamente , uma satisfação !

DOUTOR.

Ah ! uma satisfação... de que qualidade a quer o Senhor... para pôr-me no caso de entrar em explicações ? oh ! Senhores, continuem seu caminho e deixem o nosso !

CAMPBELL.

Caminha não andando satisfatum.

BROWN.

Certamente, é preciso que o Senhor (*olhando para o Doutor*) diga porque fallou mal de governo Inglis.

CAPITÃO, *com riso sardonico ao doutor.*

Sem duvida ouvirão nossa conversa : vamos de novo sentar-nos e fallermos o que for razoavel do governo Inglez.

CAMPBELL.

Dando satisfatum ?

DOCTOR.

Sim senhor, darei as satisfações que queira.

CAMPBELL.

No cazo hir assentar juntos.

DOCTOR.

Accito de boa vontade.

CAMPBELL.

We agree in opiniom ?

BROWN.

Look about you.

CAMPBELL.

Yes, yes, for you word.

SCENA III.

O Doutor e seu tio voltão ao assento que deixarão, e Campbell com seu amigo dirigem-se ao mesmo sitio : sentão-se todos, põem os chapéos ao lado, e fumão charutos que Campbell lhes offerece.

CAMPBELL.

Queimando Paranaguá Cormorant Palmerston know trafic !

BROWN.

Para acabar trafico, queimar se for necessario povos Brasileiros.

DOCTOR, *com calma forçada.*

Ah! para acabar com o trafico!... e quem disse a V. mercê que esse era o meio de acabar com o trafico?

BROWN.

Sim senhor, assim é que se deve intimidar o governo brasileiro, e obrigar-o a cumprir as ordens de Lord Palmerston.

DOCTOR, *com accento de ira.*

As ordens de Palmerston? oh! Senhores, infamia a todos os brasileiros que soffressem o opprobrio de viver sujeitos a Palmerston ou qualquer outro mandatario Inglez!

CAMPBELL.

Governo Inglis proteger queimando que destruindo levando a mundo extremidades.

BROWN, *olhando para Campbell.*

And tha the you them pretend.

CAMPBELL.

Dizer que Inglez invencibl porque muit industri.

DOCTOR.

Oh! muito industriozo até de mais; porém isso não tem relação alguma com o negocio em questao: o gabinete de S. James é um infame!

CAPITÃO.

O governo Inglez é um miseravel: nada perdia o nosso governo em prescindir das suas relações. Que amizade pode haver com um governo que está proscripto da cathegoria dos governos civilisados? Não há um só ente no mundo que se não sinta indignado contra o governo Inglez, contra esse salteador: dou-lhe este nome, e ainda lhe faço obzequio. Esse usurpador que só subsiste de roubos. O governo inglez reúne em si toda a crueldade de Rosas, a hypocrisia de Tiberio, a infamia de Caligula, e offerece o typo de um monstro de que não há exemplo nos annaes da historia da humanidade!

CAMPBELL, *exasperado.*

E ainda know de tantas insultas? Diable! Apprendendo donde tanto fallar?

DOCTOR, *rindo se.*

Apprender no templo da sciencia e da virtude, no céo dos justos, dos bons, dos civilisados.

BROWN.

Deixar ver que lestes a Walter, porque...

DOCTOR.

Não é preciso ler Walter para dizer que o governo da Inglaterra é feroz, e põe o capricho em vez da lei para arruinar o Brasil, e calcar aos pés o que há de mais sagrado entre os homens. Será possível que seja falso tudo o que se tem dito do governo Inglez? Que todas essas vezes levantadas com diferentes motivos, em diversos paizes, e epochas diversas sejam puramente falsas e calumniosas? E observai que quando nos corpos legislativos se lançaram acres censuras ao monstro, em nenhum delles acudio ninguem a defendel-o: ao menos houve silencio, porém nenhum se atreveo a dizer resolutamente: isso é falso ou isso é justo! Assim é que, admittida ainda a possibilidade d'uma tao mesquinha e prolongada impostura, seria inevitavel reconhecer que o governo Inglez é o mais odioso do mundo, o que tem suscitado mais discordias e feito mais ingratos. Elle tão pródigo, tão humano, e defensor da fé, recebe a mais cruel e desanimadora recompensa? Só retumbão accusações de sua barbaria sanguinaria, sem nunca ouvir-se um echo amigo que formule, senão sua apologia, ao menos sua defeza. O certo é que não existe, não existio, nem proxavelmente existirá governo que tal vergonha haja soffrido, e contra quem se tenha arraigado uma sanha tao perseverante em legisladores d'outros paizes.

BROWN, *aceleradamente.*

Que explicação pôde ter esta singularidade extraordinaria? Porque acontece pois ao governo Inglez o que não acontece a nenhum outro?

DOCTOR.

A razão é clara: porque elle é como nenhum, porque seu vandalismo sublevou contra elle todos os sentimentos generosos, e os dictados austeros da moral, ainda que nem sempre se fazem sentir na atmosphera gelada dos gabinetes, toda via tem culto e apóstolos em todos os climas, e porque é só a justiça e a verdade que arrancao de todos os corações, de todas as consciencias, essa reprobção unanime, que é o grito ardente e doloroso da humanidade tão atrozaamente conculcada por elle.

CAMPBELL, *olhando para Brown.*

Might grow do mesmo modo, porque fallando nada servindo. Diable!
Music eu ver tocando, e querer ouvindo harpa tocando. Diable!

CAPITÃO.

De que se lembra agora o Senhor?

BROWN.

Quer ouvir tocar harpa.

DOCTOR.

Se vós gostais, eu me offereço a trazer o homem da harpa, porque é
ridiculo chamar a quem nos não pode ouvir.

CAMPBELL.

Vós chamando harpa?

DOCTOR.

Sim senhor, quero provar-vos que não firo os inglezes, e que sómento
censuro seu governo infame!

BROWN.

Ja... ja... ja... I bear with your bad temper.

DOCTOR.

Com vossa licença. (*sahe inclinando-se.*)

SCENA IV.

DOCTOR, MENEZES, BOTTINI.

DOCTOR, *saudando a Menezes.*

Senhor... tenho a honra de cumprimentar-vos!

MENEZES, *inclinando-se.*

E eu de corresponder-vos illustre Senhor... Tomai assento e dizei em
que vos posso servir.

DOCTOR, *sentando-se.*

Muito me lisongeão vossas delicadas expressões Senhor... por agora só
tenho a pedir-vos perdão!

MENEZES.

Essa é boa Senhor, dáis-me muito prazer com a vossa presença, ainda que não tenho a honra de vos conhecer.

DOUTOR, *dando a mão a Menezes.*

Eu sou o Dr. Mattos Coutinho, vosso criado.

MENEZES.

Tenho ouvido o vosso nome com o accento da mais sincera veneração; o povo illustrado apprecia vosso talento e virtudes : conheci-me d'hoje em diante por vosso amigo e compatriota : Julio Menezes Chefe de Policia. (*Offerecendo-lhe um cartão.*)

DOUTOR. *aceitando o cartão e inclinando-se.*

Chefe de Policia ! Sim Sr. , sei que vossas medidas profilaticas para evitar novos contagios, prohibidade no desempenho do vosso cargo, vos tem conciliado a estima publica : a minha... será eterna !

MENEZES.

Obrigado, Sr. , quanto me honrais ! dizei agora alguma couza de novo.

DOUTOR.

Vejo-me n'um compromisso... preciso deste musico (*apontando para Bottini*) para divertir aquelle inglez (*apontando para Campbell*) que...

MENEZES.

Tenho appreciado...

DOUTOR.

Si houvesse tempo, eu vos contaria...

MENEZES.

Não é preizo, ouvi tudo... São bem originaes estes homens !

DOUTOR.

Então ouvistes tudo ? quanto me alegro ! eu comparo aquelle homem a hum certo Lord, que n'uma viagem a Napoles foi visitar o gabinete de Sallustio nas ruinas de Pompeia, e logo quiz sair com algumas preciosidades nas algibeiras do seu vestido aristocratico.

MENEZES. *sorrindo-se.*

E' verdade vem muito ao proposito ; é conforme em tudo á conducta destes senhores no Brasil.

Pelo que vejo estais muito em dia com os escriptos de Alexandre Dumas.

MENEZES.

Esse autor escreveu com muito gosto as particularidades do facto que acabais de citar.

DOCTOR.

Desejava que alguém houvesse, ainda que menos sublime, que escrevesse o que actualmente se passa no nosso paiz, para ao menos legar á posteridade um brado de indignação como out'ora Dido aos seus Carthaginezes, contra a perfidia do errante Eneas.

MENEZES.

Era para desejar que assim acontecesse; mas infelizmente aqui nada se acha bom a não vir de Londres ou de Paris, de modo que muitos não ousão dar á luz suas producções receiando não só nada lucrar, mas ainda contrahir dividas para a despeza da impressao.

DOCTOR.

E' magoa que n'um paiz onde a natureza espalhou tao profusamente os seus encantos, onde a nossa mocidade estudiosa pode beber inspiraçoens do sublime e grandioso que immortalisou os Cysnes Gregos e Romanos, se olhem com desdem as producções de tantos jovens talentosos que ahi andão mendigando o apenas indispensavel para uma e mesquinha subsistencia, e que só pelo titulo de inglez ou francez se dá preferencia ao estrangeiro!

MENEZES.

Vós poderieis n'esta parte completar nosso desejo.

DOCTOR.

E' verdade ainda que pouco literato não duvidaria emprender um trabalho superior ás minhas forças; mas entre parenthesis Sr. Menezes o Inglez não dirá...

MENEZES.

Se o inglez notará vossa tardança? não, não, Sr. : creio que nem só lembra mais do seu capricho; porém será bom fallar ao musico e. . .

DOCTOR.

Concordo com o ultimo.

MENEZES.

Elle ahí vem offerecer-se.

BOTTINI, *saudando.*

Signori Caballeri yo harpi tocar y offerecer para divertir.

DOCTOR.

Eu queria isso mesmo, tende a bondade de vir commigo, e sereis bem pago.

BOTTINI.

Si signori, gracias infinitas yo tenho muito piacer.

MENEZES.

Porque vos engasjastes, não é verdade ?

DOCTOR, *sorrindo-se.*

Disso viye, coitado ! sempre ha de ser melhor que o inglez. Se chega a cabir debaixo da ferula do cardeal Dubois, então... estou bem certo que nao dirá — muito piacer —

MENEZES.

A esse tal Dubois não poderíamos applicar o titulo de *Sapo antediluviano* ?

DOCTOR.

Cardeal Dubois ! Sapo antediluviano !

MENEZES.

Bravo ! muito bem !

DOCTOR.

Vós quereis honrar-nos com a vossa companhia ?

MENEZES.

Oh ! com muita satisfação.

DOCTOR.

Nesse caso, allons.

Vive la diligence
Pour aller lentement,
Et pour faire abstinence
Et verser très souvent !

MENEZES.

Allons, sim senhor, allons. (*Sahem juntos com Bottini.*)

SCENA V.

DOUTOR, CAPITÃO, MENEZES, CAMPBELL, BROWN, BOTTINI.

DOUTOR, *saudando aos que deixara.*

Peço-vos desculpa senhores pelo muito que tardei em trazer-vos o David com a harpa do Gente; especialmente a vós senhor... (*olhando para Campbell.*)

BROWN.

Meu amigo é Samuel Cramner Campbell.

DOUTOR.

Seja por muitos annos : peço indulgencia !

CAPITÃO, *com ironia.*

E' muito benevolo este senhor, não gosta segundo creio de humilhar a ninguem.

DOUTOR, *tomando a mão de Menezes.*

Este cavalheiro é o Sr. Julio Menezes, Chefe de Policia que tenho a honra de apresentar-vos.

CAMPBELL, *se inclina.*

Oh! mi conheço com prazer Sr.

BROWN, *se inclina.*

Tenho honra em conhecer.

CAPITÃO.

Muito me honra o vosso conhecimento Sr. Julio Menezes.

MENEZES, *dando a mão a todos successivamente.*

Obrigado meus senhores, obrigado; as vossas atenções captivão meu reconhecimento, e dão-me a conhecer a vossa educação,

BROWN.

Eu conheço honra de fallar.

CAMPBELL.

Yes, yes, tomar junta Drok e conhecendo y rethis on that.

MENEZES.

Oh ! oh ! nada mais justo

DOCTOR.

Descançemos e vamos ouvir o tocador de harpa; não vos agrada meus senhores ?

BROWN.

Muito, muito.

CAMPBELL.

Yes, yes, ouvir music, como chama music ?

DOCTOR, *a Bottini.*

Qual é o nome do senhor ?

BOTTINI, *inclinando-se.*

Io m'appello Bottini de Cellini natural de Rimini.

DOCTOR.

Então deveis conhecer a Silvio Pellico ?

BOTTINI.

Oh ! muito, il compuzo la *Francesca de Rimini.*

BROWN.

Como chamar tu ?

BOTTINI.

Bottini de Cellini.

CAMPBELL.

Thus, the, wich de pelear com Pio IX. ?

BROWN, *olhando para Campbell.*

Do you them...

CAPITÃO.

Então começai a tocar senhor Bottini.

BOTTINI.

Tocaré y cantaré español, yo estar algum tiempo en España, y aprender para entender Brasilier.

CAPITÃO.

Sim, sim, muito bem, em hespanhol.

BOTTINI.

Oh! se vier Condessa Lansfield que acusar de bigamia, como tocando harpa, vos extasiar como el Ex-Rei de Baviera!

DOCTOR.

Sim senhor, creio que assim será, mas agora toca ao Sr. extasiar-nos a nós.

BOTTINI.

Com muito piacer. (*Senta-se, e toca, entoando a seguinte canção.*)

Al bien que idolatro busco
Desvelado noche y dia,
Y la esperanza no llega
Tras su imagen fugitiva;
Prometiendome enganosa
Felicidades y dichas.

Angel tutelar que aguardas
Su feliz sueño decidla,
Las amorosas endechas
Que mi guitarra suspira!

Como el ciervo enamorado
Busca la cierva querida,
Que de sus alhagos huye
Desapiedada y esquiva;
Asi yo corro afanoso
En pos del bien de mi vida.
Angel tutelar etc., etc.

Sobre el universo en calma
Reina la noche sombría,
Y las estrellas flamautes;

En el firmamento brillan ?
Todo reposa en la tierra
Solo vela el alma mia.

Ángel tutelar, etc., etc.

El contento me robaste
Con tu encantadora vista;
Y sin quererme te hiciste
De un inocente homicida;
Vuelvele la paz al menos
Con tu alagüeña sonrisa.

Ángel tutelar que aguardas
Su feliz sueño decídla,
Las amorosas endechas
Que mi guitarra suspira !

Bravo ! (*todos a um tempo*) Sois habil musico senhor Bottini !

BOTTINI.

Conocer bien a Bellini, Musart, Dorat, etc., etc. Después de multiximè
traballi ahora rodar mundo, dejando de letras estudio em que estaba ins-
truido, salir de Florencia por politica.

CAMPBELL.

The devastation todo Ingles em Roma prompto reclamar.

BROWN, *olhando para Campbell.*

What amem !

CAMPBELL.

What do yo say to it ?

CAPITÃO; *dando umas moedas a Bottini.*

Tomai senhor Bottini, vossa muzica é muito bella

Nos corações corrompidos
A musica não faz effeito,
Mas das almas generosas
Encanta, commove o peito !

BOTTINI, *guardando o dinheiro.*

Gracias mios signores, de esta manera yo no hir a California passandõ
lo Cabo de Horn.

MENEZES.

Deixai-vos de aventuras, este é um paiz bom para muzicos e dançarinos...

CAMPBELL.

California prompto caher em mão de Inglis, wich of you would be so bold as to deny it.

CAPITÃO

Vamos caro sobrinho, e vós tambem senhor Menezes.

CAMPBELL, *levantando-se com furor.*

E dando satisfação schilf trompis fortis !

CAPITÃO.

Que diz o Senhor de satisfação ?

BROWN.

O meu amigo não fica contenté sem que

DOCTOR.

Ah ! quer novas explicações sobre o governo inglez ?

CAMPBELL.

The shall if dei satisfação senão trompis

DOCTOR, *em acção de retirar-se com seu tio e Menezes.*

Adeos meus senhores, são horas de hir ao theatro.

MENEZES, *tirando o relógio.*

Certamente, a hora vai-se approximando.

CAMPBELL, *com furor.*

Promette satisfação, com trompis.

DOCTOR, *dirigindo-se ao aggressor.*

Retirai-os senhor ! e não provoqueis...

CAMPBELL, *dando com o punho no peito do Doutor.*

Goth get fifth rumed ... Diable ! querer satisfação.

DOCTOR, *dando huma bofetada no aggressor.*

Eh ! Inglez bruto, insolente !...

CAMPBELL.

What do you think ?

DOCTOR.

Nada de think, seja mais moderado, ó Sr. . .

SCENA VI.

Tudo entra em confusão, o capitão defendendo a seu sobrinho, Brown ao seu amigo, e Bottini corre pela porta lateral da direita gritando aqui d'elrei. Menezes apita, e apparece huma patrulha : reune-se o povo

DOCTOR, CAPITÃO, MENEZES, BROWN, CAMPBELL.

MENEZES.

Intimai senhor official a esses senhores, para que soceguem.

CAMPBELL, *afastando se.*

Might grow longer fallando que eu não tenho culpa de nada.

BROWN, e o seu amigo em acção de retirarem-se.

Adeos meus senhores, isto foi huma simples brincadeira.

MENEZES.

Alto meus senhores, porque senão... Pronto aqui senhor official, espanta na mão... cumpria com o seu dever. (*Official obedece.*)

DOCTOR.

Que escandalo !

MENEZES.

Sr. official fazei retirar esse povo, e dignai-vos fazer ontro tanto com vossa patrulha (*Sae a patrulha e o povo.*) Agora sentai-vos Srs., que eu accommodo este negocio. (*Sentão-se todos.*) Que significa isto senhores ? (*a Campbell e Brown.*) Como classificar o vosso procedimento ? que motivo vos fez olvidar as regras da prudencia e educação que devem ornar as pessoas de vossa cathgoria ? (*ironicamente.*)

CAMPBELL, *tremendo.*

Eu .. might... diable ! eu... perdão ! mas eu não pensar que ser melhor pistola.

MENEZES.

Pistola ! para que ?

BROWN.

Para bater-se porque o meu amigo não se lembrava de que só em Londres se pelega a trompis.

CAMPBELL.

Sim, sim, pistole was tirar pistola.

MENEZES, *sorrindo-se.*

O Sr. quer bater-se com Misster (*apontando para o doutor*), não é verdade ?

CAMPBELL.

Yes, yes, eu baterei para arranja tudo.

MENEZES.

Vós accitais senhor doutor ?

DOCTOR.

Se necessario fór para lavar a mancha... não exitarei...

CAPITÃO.

Se elle o pede, porque nao ?

MENEZES.

Nesse caso Sr. doutor. apromptai-vos para um dia determinado, porque o Sr... quer lavar a mancha...

DOCTOR.

Estou prompto, pois vejo que o Sr. Campbell é homem de honra.

CAPITÃO.

E' um outro Annibal !

DOCTOR.

Sim, sim, muito boa pessoa.

BROWN, *a Campbell.*

What would you beat ?

CAMPBELL.

Yes, yes, ninguém bofetad in cara conclud fat. De hoje em diante tirar pistola em sitio que escolher acertado.

CAPITÃO, *affectando gravidade.*

Convenho Sr. Campbell em que meu sobrinho se bata com V. mercê : eu serei seu padrinho, e o Sr. (*a Brown*) o vosso.

CAMPBELL.

Yes, yes, Sir quer por armar batindo pistola.

BROWN.

Eu aceito com prazer senhores ! e que se diria de nós na Camara dos Lords ? Não estejamos perplexos á vista de um objecto de tanta magnitude, e vamos já nos appromptando para de hoje a quinze dias.

DOCTOR.

E onde devemos bater-nos ?

BROWN.

Será bom que no dia anterior o Sr. determine o lugar de combate.

DOCTOR.

Senhor...

BROWN.

Sim, sim, esse é o costume na Inglaterra; o aggressor tem direito a tudo.

MENEZES, *com ironia.*

Muito bem sancionado ; isso é muito nobre.

CAPITÃO, *sorrindo-se.*

Oh ! muito scientifico !

(*Sim, sim dizem todos, e depois de varios cumprimentos sahem os inglezes pela porta da direita.*)

SCENA VII,

DOCTOR, CAPITÃO, MENEZES.

CAPITÃO.

Nunca falta aos homens pacíficos quem os perturbe.

MENEZES.

Isso é tão certo, que a prova não está longe.

DOCTOR.

Certamente ! o tal sujeito é *indignus venia* !

MENEZES.

Sim, Senhores, *indignus venia* !

DOCTOR.

Não conhece os respeitos humanos !

CAPITÃO.

Diabo ! queria *trompis*, pois foi na cara..

MENEZES.

Para melhor se lembrar.

DOCTOR.

Via-me acoçado, que remedio !

CAPITÃO.

Outro qualquer faria o mesmo.

MENEZES.

Estais formalizado Sr. doutor ? Sabeis esgrima ?

DOCTOR.

Se elle insiste, eu me formaliso, do contrario, entrego ao desprezo. Em quanto á esgrima não tenho a destreza de um soldado romano, ou gallo, mas tenho o valor que é o principal. Ha homens, diz Platao, que dormem a somno solto, como se fossem nascidos para a ociosidade, ignorando que o descanso traz sua origem dos trabalhos, e que estes nada mais são que consequencias do ocio torpe e negligencia. Eu sempre aborreci a ociosidade : o tempo que tenho vago, emprego-o no exercicio das armas e algumas outras curiosidades.

MENEZES.

E' verdade, os passatempos dos grandes homens podem chamar-se obras de merito.

DOUTOR.

Composições novellescas, e recordações das differentes epochas da vida, sonhos da alma, porém que dimanão d'um fundo de verdade e philosophia effectivas!

MENEZES, *suspirando*.

Ah! prouvera a Deos que todos os homens assim fossem!

DOUTOR.

Os homens nada fazendo aprendem a fazer o mal. Amasis, rei do Egypto, fez uma lei, pela qual todos os cidadãos erão obrigados a vir cada anno perante os magistrados declarar que officio tinham; e os convencidos de viver na ociosidade erão entregues a um tribunal e executados immediatamente.

MENEZES.

Isso mesmo prova que no seu reinado não se veria o que hoje se está vendo em todos, e seria infallivel que só o malvado poderia estar sujeito a viver ocioso.

DOUTOR.

Assim o creio, ou era elle um tyranno que abusava da obediencia do povo a quem devia a corôa, ou procurava meios de evitar que os máos exemplos o corrompesse. A este respeito muito haveria que dizer, mas é tarde, e são horas de hir ao theatro.

MENEZES.

Os Srs. vão theatro?

DOUTOR.

Irémós todos se vos agrada Sr. Menezes.

MENEZES.

Com muito prazer.

CAPITÃO.

Vamos ao theatro
Que temos lindo canto:
Veremos o naufragio
Da não Vasco da Gama!

MINISES.

Esse é o naufragio de Meduza, ou para melhor dizer um quiproque
theatral.

CAPITÃO.

Seja muito embora! vamos Srs. ! (*Sahem juntos pela porta do fundo
ontoando a seguinte allegoria.*)

O mar em toda a parte combatido
Perve irado mugindo com pavor,
E erguendo a alliva fronte, enfurecido
Pede o castigo do usurpador.

Fim do primeiro acto.

ACTO SEGUNDO.

O salão representa á direita uma rocha matizada de arbustos e flores, em cujo cimo está uma casa de campo elegantemente construída. Á esquerda, um pouco distante, vê-se um pateo com utensilios de fazer vinagre e cerveja, e ao lado um grosso tamarindo crivado de balas de pistola. Na frente da casa pende um rotulo com a inscripção seguinte: FABRICA DE CAMPBELL BROWN e C^a. A estrada é ingrime e tortuosa com dois caminhos distinctos que conduzem á casa da rocha e á fabrica.

SCENA I.

Continho e Adelia descem da casa e tomão assento n'uma collina ao pé da rocha.

DOUTOR, ABELIA.

DOUTOR, *contemplando Adelia enternecido.*

Como é doce viver amando! Quão rapidos e amenos faz amor volver os dias nos encantos das suas delicias! Como são felizes os que amão!

ABELIA, *abaixando os olhos.*

Bem lindo e risonho é o dia de hoje! ah! sou mui feliz!...

DOUTOR, *beijando-lhe as mãos.*

E's muito feliz? que jubilo me dás fallando assim! e a ser d'outra maneira a vida a nao queria!... ella me seria odiosa!

ABELIA.

Oh! meu bom amigo, quanto vos devo! eu pobre orphã... sem algum apoio no mundo, interesse na minha sorte o melhor dos mortaes!... partilho sua ventura, e unida a elle por gratidão e amor... ah! quanto nao devo a Deos!...

DOUTOR, *com ternura.*

Minha Adelia! Céos! é real o que acabas de dizer-me? parece um sonho! oh! dize, dize que me amas! que aceitas minha protecção e afa-gas meu carinho! quem ousaria magoar-te sabendo que és minha! és orphã? meus pais serao os teus, elles te darao o doce nome de filha! Amas-me? oh! entao serei o mais feliz dos homens! o mais honrado ci-dadão! o mais integro dos magistrados! tu farás minha ventura! só a teu lado eu poderei bem comprehender que sou a imagem de Deos!...

meus feitos serão admirados, celebre meu nome, e tudo isto para merecer teu amor, e gosar da ternura com que um dia dirás: *Este é o meu esposo!*

ADELIA.

Teus sentimentos são nobres, puros, e diaphanos como o sonho da virgem! oh! meu amigo! meu protector! como reconhecer tantas finessas! tenho quem me ame!... e eu queria morrer... insensata!... morrer tendo imperio em teu coração!... Porém... e teu pais? oh! dizei-me que não te arrojaram de sua casa por viver com uma pobre orpha sem nome, sem fortuna! dizei-me para pedir a Deos em minhas orações (*calhando de joelhos*) não se diminua o carinho que lhe mereceis; por piedade, não afriteis por mim a sua colera! não sejas culpado pelo meu amor!...

DOCTOR, *levantando-a.*

Minha Adelia! o amor que nos inflama é um fogo celeste, uma particula da divina essencia que o Creator pôz n'alma do ser que anima; culpado é o que infiel á Deos e a si mesmo pretende abafar este fogo divino! Dizes que és orpha! duvidas que meus pais não queirão ser os teos? ah! quem não seria ufano de ser pai de minha cara Adelia? orpha como tu, a cujos pés deve curvar-se o mundo em signal de respeito e veneração!...

ADELIA.

Oh! meu amante! meu esposo! como é nobre o teu coração!...

DOCTOR.

Basta que tu o digas minha Adelia! para merecer o titulo de esposo de um anjo de ternura.

ADELIA, *abaixando os olhos.*

E vós modelo de formosura... virtude e talento!... ah! viviremos sempre juntos?

DOCTOR.

Sim amada minha! juntos na terra, juntos no céo. Na tua casinha que representa a idealidade amorosa de Theocrito e Virgilio, estaremos como duas pombinhas innocentes; n'esses campos amenos e felizes, gozando uma atmosphera perfumada, ledos sonhos e grinaldas amorosas, n'esse drama campestre que ostenta em seu brilho a natureza, seremos o modelo dos esposos!

ADELIA.

Ah ! as tuas palavras me dão vida ! apoiada em ti, amante querido, tudo suportarei com valor. O' minha adorada mãe, já não tenho tanto a lamentar vossa perda ! mas que não vivas ainda para partilhar minha ventura, abençoar tua filha, e fazê-la completamente feliz !...

SCENA II.

O capitão e Menezes apparecem de repente.

DOCTOR, ADELIA, CAPITÃO, MENEZES.

CAPITÃO.

Muito bem meu doutor ! desejo que sejas feliz...

MENEZES.

E eu igualmente meu caro senhor !

DOCTOR.

Obrigado, mil vezes obrigado meus senhores ! lisonjeio-me de corresponder ao vosso affecto e amizade !

CAPITÃO, *dirigindo-se a Adelia.*

Muito me alegra a vossa presença, bella senhora ! dignai-vos aceitar meus cumprimentos, e permitti que faça votos pelo vosso bem-estar !

ADELIA.

Muito obrigada, Sr. capitão ! elles parecem d'antemão ser ouvidos por Deos pela ventura que gozo actualmente !

CAPITÃO.

Gozaes ventura porque sois sadada, não é verdade ?...

ADELIA, *abaixando os olhos.*

Para que hei-de negal-o ? antes me lisonjeio de o dizer... é porque o vosso sobrinho, me honra com seu amor e consideração !

DOCTOR, *com arrebatamento.*

Amor ! consideração ! oh ! tudo isso e ainda mais é devido á mais preciosa das creaturas ! que seria eu sem vê ~~o~~ *adorada Adelia* ?

ADELIA.

E' o amor que vos illude, eu não mereço tanto ; permittir-me-heis agora deixar-vos um momento para colher flores em quanto conversais ?

DOCTOR.

Pois não querida, Adellá ! nós seremos tua salvaguarda, se acaso alguem...

ADELIA, *inclinando-se.*

Com vossa licença. (*Sahe encaminhando-se para o jardim.*)

SCENA III.

DOCTOR, CAPITÃO, MENEZES.

CAPITÃO.

Entre as flores não ha inglezes.

DOCTOR.

Não... porém. :

MENEZES.

Sim senhor, poderia haver insectos inglezes.

DOCTOR.

Ah ! seria isso cousa nova ! porém nao é melhor sentarmo-nos e fallar de cousas uteis e interessantes ? (*Sentão-se.*) Homens há que se queixão da fortuna, e a chamão louca, varia e cega, porque os planos que fazem e dispõem, à seu ver, com muita prudencia, não correspondem ao fim que tinham em vista. Mas se essa deusa a que fortuna chamão pudesse ser interpellada, certamente lhes diria : vós outros sois os nescios, loucos, e insensatos, porque sendo imprudentes vos julgais sabios, e pondo da vossa parte fracas meios quereis colher bons resultados.

MENEZES.

Do que pode concluir-se que se o capitão dotado do engenho que pede a arte militar olhasse primeiro o que devia fazer, seria feliz nas suas empresas, do contrario inutil é esperar boas consequencias, a menos que Deos não pejeje por elle.

CAPITÃO.

Assim o notou Vegecio quando diz : succede não poucas vezes que poucos soldados e fracos vencem a muitos e fortes, quando são mandados por um bom capitão.

DOCTOR.

Isso é verdade ! quando um chefe sabe premiar o merito, reconhecer serviços e laureal-os mesmo no campo da batalha, faz do seu exercito um povo de heroes. É bem o comprehendia Saul quando publicou um bando no seu exercito em que dizia : Qualquer soldado que matar a Goliath, lhe dará o rei muita riqueza, e o casará com sua filha. Aristoteles diz secção 4ª problema 16 da potencia generativa : O objecto da faculdade irascivel é a honra e proveito, e se isto falta não ha mais animo ou valentia.

CAPITÃO.

O que confirma a allusão ao segundo nascimento que tem os homens quando se cumprem aquellas palavras : Eu e meu braço direito aquem agora reconheço por pai !

DOCTOR.

Vós meu capitão já fizestes ver á Inglaterra o exemplo dessa doutrina, quando fulminastes o pirata *Cormorant*, provando-lhe que, como Epaminondas preferis uma morte honrada a uma vida infame.

CAPITÃO.

E vós deveis mostrar em breve ao inglez Campbell o pundonor e brio nacional dos Brasileiros, para que saiba o mundo apreciar dignamente o nosso patriotismo !

MENEZES.

Quem pode ler no futuro ? talvez o Brasil verá nascer o homem que deva annunciar a ruina da Inglaterra.

DOCTOR, *apuntado para o Capitão.*

Ao menos já houve um que soube reprimir sua ousadia.

MENEZES, *entregando uma carta ao Capitão.*

E de vós se exige provar que não duvidais sellar com sangue um brado de indignação pela nacionalidade offendida !

DOCTOR, *lendo.*

« Sr. Doutor Mattos Coutinho. — Como padrinho do meu amigo Sa-

« muel Cramner Campbell, convido a V. S.^a, para que amanha esteja
« como seu e suas armas no lado do caminho que vai para a campanha,
« no mais recondito possivel. Meu amigo nao quiz esperar que o seu ad-
« versario o avisasse : como quer morrer ou matar, é impossivel evitar o
« duello. Antes de romper o dia lá nos acharemos.

« Vosso respeitador,

« EDUARDO RUSELL BROWN. »

CAPITÃO.

E que tal meu caro senhor Menezes ?

MENEZES.

Já me parecia pelos vossos circumloquios que se tratava de desafio.

DOCTOR.

Justamente ! não queriamos dizer logo : o inglez Campbell é um insolente que ainda não está satisfeito !

CAPITÃO.

Por tanto concluo com esta pergunta importante : Não é o Dr. Mattos Coutinho que ha de fazer comprehender á Inglaterra que o Brasil pode um dia abater o seu orgulho ?

MENEZES.

Então viva o propheta capitão Barboza !

DOCTOR, *com enthusiasmo.*

Viva ! viva ! viva !

E com quanto se possa evitar
A' pezo d'ouro o golpe que esperamos,
Nao devemos tranquillos ficar !
A patria manda que nos unamos !
E Marco Tullio dizia :
Que o valor do general,
Tem na guerra mais valia
Que o proprio ferro brutal !

CAPITÃO.

Scipião Africano estando na Sicillia chegou-se a elle um cavalleiro romano e lhe perguntou com que gente pretendia fazer a nova campanha de Africa. Scipião mestrando-lhe trescentos soldados que se apoiavam nas

suas armas e apontando depois para uma torre que estava proxima, lhe respondeu : Nenhum dos soldados que estais vendo recusa , á minha voz, precipitar-se da quella torre.

DOUTOR.

Eu bem sei que o homem esforcado,
E' um baluarte inexpugnavel ;
Afirmo tambem...

CAPITÃO, *interrogando-o.*

Nada ! basta de versos !

DOUTOR.

Entao meu caro tio não quereis mais versos ?

CAPITÃO.

Eu sei muito bem que o homem esforcado não teme senão a Deos !

MENEZES,

Bravo ! muito bem ! isso me agrada !

SCENA III.

Os ditos e Adelia chegando com ramos de flores.

ADELIA, *inclinando-se.*

Perdoai-me senhores, pelo muito que olvidei a vossa amavel companhia... eu queria flores, e pude apenas colher um suspiro e algumas saudades !...

DOUTOR, *adiantando-se.*

Muito bem, linda jardineira. o amor dictou vossa escolha ; essas flores são o symbolo do meu coração na tua ausencia !...

ADELIA, *ao Capitão e a Menezes.*

Quizera offertar-vos um ramalhete, porém...

CAPITÃO.

Porém que... bella senhora.

ADELIA

Queria dizer que não erão lindas estas flores, e por isso indignas de...
(entregando-lh'as).

MENEZES.

Lindas ! quazi tanto como a divina mão que as colheu !...

CAPITÃO.

Formosas como o semblante de Deos !

DOCTOR.

As flores que lhes brindas
São vistosas como o céu
Com um só anhele teo
As podes fazer mais lindas :
Podem bem eclipsar
As mesmas perlas do mar !

CAPITÃO, *sorrindo-se.*

Aggregando-lhes outra flor que eu sei, então serão divinas, celestes,
embriagadoras !

DOCTOR.

Qual deve ser essa flor ?

CAPITÃO, *olhando para Adelia.*

Ora quem ha de ser ?

MENEZES.

Nada ha completo sem a senhora !

CAPITÃO.

Só o sol pode fazer a natureza radiante !

ADELIA, *com meiga timidez.*

Oh ! serão tantas finezas ! a vossa bondade me confunde. (*Senta-se.*)

DOCTOR, *a Adelia a parte*

Então para mim não ha flores ?

ADELIA, *pondo um ramo no peito do Doutor.*

Se Deos a meus rogos attendera
Coroas te daria de diamante ;

Faria que em perpetua primavera
Deslisassem teus dias, charo amante !
Porém como tã és todo amor,
E tua alma não quer a vaa riqueza,
Darte-hei o que ha de mais primor,
Quanto deo para dar-se a natureza !

Para agradecer-te queria
Ser um anjo do paraiso;
Ter nos olhos a alegria
Nos labios meigo sorriso !

Mas tudo o Deos vendado me roubou !...
E em premio do amor que te inspirei,
Até inquietos zelos me deixou
Dura condicao! tyranha lei !...

Fenho ciúme das flores
Que tocão os labios teus,
Receio que te enaiores
Do azul puro dos ceos !...

Oh ! querido amante, se eu pudera
Dar-vos quanto amor de mim reclama,
Em delicias o mundo convertera
E daria ao nome teu eterna fama !

DOCTOR, cahindo aos pés d'Adelia.

Basta minha Adelia ! mais, não digas ! em teus olhos vejo minha dita -
ellesão a linguagem fiel do teu coração !... oh ! á vista do que escuto pos-
so eu duvidar do teu amor ? não ! Adelia de Numancia e a mais sencivel
e nobre das mulheres ! não se mente com a honesta candura que brilha
em tua frente ! sim Adelia de Numancia será hoje mesmo minha esposa !

CAPTÃO, apparecendo de repente.

Sim, senhor, eu approvo essa resolução !

DOCTOR, com surpresa.

Meu tio julgamos estavamos sós.

CAPTÃO.

Parece-me um tanto esquecido o senhor Dr. faz-me lembrar daquella
senhora que indo visitar uma amiga lhe perguntou, quantos filhos tem
minha senhora ? tres respondeo D. Mariquinha, lindos, gordos, e de boni-
genio: passadas algumas horas esquecida da pergunta, ou amiga de massa-

da foi de novo interoga-la quantos filhos tem minha senhora? Como não dei aluz desde o momento em que falamos, só tenho tres meninas lindos, gordos, e de bom genio lhe respondeo.

DOCTOR. *embaraçado.*

Este meu tio tem boas lembranças e sempre adequadas!

CAPITÃO. *zombando.*

Oh! muito a proposito...

MENESES

Entes felices! Almas de preferencia!

DOCTOR.

Vamos senhora para a morada dos anjos tomar algum confortavel.

CAPITÃO.

Acho excellente a vossa lembrança.

DOCTOR.

Tendes fome caro tio?

CAPITÃO.

Alguna .. quero dizer appetite de fazer bem ao estomago.

DOCTOR.

Fome e appetite é quazi o mesmo, se não é o mesmo; o appetite só tem este nome quando é boa a dispozição do estomago para receber o alimento as horas; porem quando estas horas passam desaperecidas isto é, por quem tem cheia a barriga, e contados fielmente pela nossa pendula estomachal, então é que são ellas!... oh! então — fames caret lege — a fome tem o herege. —

CAPITÃO.

E' verdade! a fome tem cara de herege! e que diremos dos que passam tres dias de fome sem olvidar o caminho da honra e da verdade?

MENESES.

Deve ser com effeito mui difficil ser homem d'honra nas tribulações da miseria!... é preciso uma virtude esclarecida e constante a toda prova!... Miseria humana! que haja tantos desgraçados morrendo á fome quando a terra é fertil e abundantante da tudo o que exige a nossa conservação!

DOCTOR.

É lamentavel o destino de tantos infelizes privados do que Deos deo para todos! Porque nao havia de estar a sociedade n'uma balança tal que ao menos desse a todos meios de subsistencia?

Entre os Mulsamanos nao há pobres; o que tem fome chegasse a um templo lá encontra irmãos devotados que lhe dão o que precisa, nao como esmola, mas por obrigação.

Entre os Christoes, á porta dos templos, é que vemos o escarneo e vilipendio da humanidade: bello modo de fazer triumphar os princípios do christianismo !...

CAPITÃO, *interrompendo-o.*

Este meu sobrinho, não perde occasião de analizar, comparar, e comentar a historia da humanidade! Vamos lá meus senhores, vamos ao confortavel! (*Coutinho dá o braço a Adelia, o Capitão a Menezes, e sahem cantando o seguinte estribilho.*)

Que significa o viver
Quando não ha liberdade?
E quando falta ao estomago
O que lhe pede a vontade?

Viva a industria
Morra a apathia;
Que sem trabalho
Não ha alegria!

SCENA V.

CAMPBELL, BROWN.

Mr. Campbell, depois de varias tiros de pistola contra o tamarindo, dirige-se com Brown quasi ao mesmo sitio em que estiverem as personagens anteriores.

CAMPBELL, *sentendo-se.*

No lers refined vinagres e cerveja para enganar ours ser perfectos.

BROWN.

Tomanda piastras enganando brasileiro.

CAMPBELL.

Eu ir a London a viver descansadamente: with myladi; todavia pensar ser ministro, ter cem mil libras.

BROWN, *tirando um papel.*

Yes um milhao de libras.

CAMPBELL.

With não peleando brasileiro, não ficando contenta ; eu matar !

BROWN.

Grant a long lif a Palmerston que tu triumphar de brasileiro !

CAMPBELL.

Yes, yes, eu matando, aver meu braço mais poder que ninguem em toda terra conhecida de Nova Zelandia e polo ártico, tambem zona torrida.

Won a honor;
Fomilis wir,
Righat de matar
Possesions de brasileiro !

BROWN.

Yes, yes, matar tu amigo meu, a brasileiro. (*Toma um oculo, e aponta para a fabrica*). Diable ! tamarindo ter mais de mil balas.

CAMPBELL, *tomando o oculo.*

Tu assegurar que eu matando brasileiro ?

BROWN.

De medo não opontar.

CAMPBELL.

Brasileiro não sabendo manejo de armas.

SCENA VI.

Os ditos e Muley chegando a cavallo.

MULEY, *apeando-se.*

Eu venho fallar com Mr. Samuel Crammer Campbell.

CAMPBELL.

My ser Samuel Crammer Campbell.

MULEY.

Meu amo, o senhor Br. Mattos Coutinho, manda entregar esta carta a V.^a S.^a.

CAMPBELL, *tomando a carta.*

Doutor Mattos Coutinho, pronto para bater ?

MULEY.

Nada sei a esse respeito.

CAMPBELL, *lendo.*

« J - H - m - o Sr. Samuel Crammer Campbell.

Em... con... tes... Diable ! mi nó intend... toma sir Brown ler esta carta, e repara se quando põe o meu nome, lembrar que eu sendo parente immediata de Cronwell.

BROWN, *lendo.*

You then tu pretend leer carta ?...

CAMPBELL.

Leer tu, mi nó intend.

BROWN, *lendo.*

« Ill.^o Sr. Samuel Crammer Campbell...

CAMPBELL, *interrompendo.*

Nao falando de que eu Cronwell parente ?

BROWN.

Nao lembres d'isso sir Campbell, eu continuando leitura.

CAMPBELL.

Contipuar, estando com tigo.

BROWN, *lendo.*

« Ill.^o Sr. Samuel Crammer Campbell.

« Em contestação á sua carta d'hontem, á manhã antes de romper o dia estarei com meu padrinho no lugar por V.^a S.^a designado,

« Seu servidor

« Dr. MATTOS COUTINHO. »

CAMPBELL.

Temer, oh ! eu matar Coting.

BROWN, *rindo-se.*

Brasileiro cobarde! sir, tu matas... bala direita a frente... pronto.

CAMPBELL, *dirigindo-se a Muley.*

Diable! ouvir que fallando de Coting...

BROWN.

Não importa... Negr (*a Muley*) dize a teu amo que amanbã lá estaremos!

MULEY.

Sim, senhor.

CAMPBELL.

Quatro temprano.

(*Muley sahe inclinando-se.*)

SCENA VII.

Vem a noite, chega Room com um tilbury para duas pessoas.

CAMPBELL, BROWN, ROOM.

ROOM, *inclinando-se.*

What would you be at?

BROWN.

Yt is supertime?

CAMPBELL.

Yt it late?

ROOM.

Yt is six o'clock.

CAMPBELL.

Yt is not ten yet.

BROWN.

Yt is bab weather.

ROOM.

Yt is bot.

CAMPBELL.

Yt is wet vindy tormey dry weather.

ROOM.

Yt is gomg to raim.

CAMPBELL.

Yt is hot; it is extremel yhot.

Entrão no carro, e sahem intoando o seguinte :

« The history of Ciceron ! Y death continued, fresch on the minds of
« the Romanos. »

Nos matar brasileiros, e por 100.000 annos valor de Campbell na
eburnea trompa de Palmeston correrá apesar de Sir Thomas Graham. —
Viva ! hurra ! matar brasileiro !

SCENA VIII.

Por alguns momentos ouve-se um ruído como de gente que caminha ao longe;
a luz dá, aurora começa a offuscar os raios da lua; chegam o Doutor, Ca-
pitão; Menezes e Muley com uma caixa de pistolas. Sentão-se fumando cha-
rutos

DOUTOR, CAPITÃO, MENEZES, MULEY.

CAPITÃO, *vendo o relógio.*

Faltão vinte minutos para as quatro, querido sobrinho !

DOUTOR, *ensativo.*

Aproxima-se o momento das provas.

MULEY.

São horas de...

DOUTOR.

Quereis que vos diga como Agamemnão a Achilles : se o sabeis para
que me perguntais ?

MULEY.

He que...

DOUTOR.

Ah ! sim... pobre Adelia !... ella dormia... minha esposa !

CAPITÃO.

Tanto melhor ! irás despertal-a com os loiros da victoria !...

DOUTOR.

Por muito cobarde que seja o nosso adversario sempre se colloca em nossa frente com uma arma na mão ; não devemos ser tao...

CAPITÃO.

Como ! pois duvidais...

DOUTOR.

He admiravel sangue frio ! asseguráes a victoria como se ella devesse obediencia ao nosso...

MENESES

Lembrai-vos daquella sentença: *homo sum et nihil humanum a me alienum puto.*

DOUTOR, com fogo.

Oh ! em quanto a honra !...

CAPITÃO, commovido.

Ninguém o duvida caro subrinho !

MENESES, ao capitão á parte.

Até que ponto o amor d'uma mulher é capaz de enervar o valor mais impavido !

CAPITÃO.

Morro por ver isto acabado !

DOUTOR.

Eu muito mais... pobre Adelia ! minha esposa a noite passada, e devo deixal-a para acudir á provocação d'um miseravel !... e no dia seguinte os maiores prazeres podem mudar-se em funestos pezares!...

Platao dizia que a felicidade na terra só podiamos achal-a na união do summo bem tornando a incorporar-se com suas ideas; porque d'outra maneira vive o homem exposto ás misérias da natureza: é um jogo da fortuna, uma sombra fugaz ; um despojo infallivel da morte !

CAPITÃO.

E este mundo que lhe derão é falso, inconstante, emfim um campo de batalha, theatro de nossas tragedias !...

DOUTOR.

Vêde por exemplo os juristos sempre occupados em pleitos, entregues a

uma faculdade onde a memoria é um elephante que sustenta carteiros e montoes de livros, proffissão em que o egoismo olvidando sua generosa liberdade obedece ao raciocinio do legislador, como se as leis fossem baseadas nos principios da natureza.

MENEZES.

Então não se póde chamar sciencia a jurisprudencia filha do entedimento humano, cego e mudavel....

DOCTOR.

Bem o conhecerão os primeiros legisladores, que não vendo em suas leis senão juizos humanos, procurarao dar-lhes autoridade com o vulgo aquem cegarao com o prestígio d'alguma divindade como as de Ossiris, as de Minos, Saturno, Minerva, Apollo, Numa Pompilio, de que se dizia interpretes, e finalmente como bem diz um antigo escritor: *datur hæc venia antiquitati, ut miscendo humana divinis primordia urbium angustiora faciunt.*

CAPITÃO.

Taes são os filhos da jurisprudencia que é preciso pagar-lhes para que fallam.

DOCTOR.

E por que não se lembrão do que diz Graeciano: os defensores dos povos os juizes devem fazer o officio de pai com o povo: não permittir que os cidadãos laboriosos sejam vexados e opprimidos: o povo deve resistir com devido respeito a oppressão dos juizes arbitrarios.

CAPITÃO, *à parte.*

Este, meu subrinho, é um legista consumado !...

DOCTOR, *sorrindo-se.*

Obrigado meu tio....

MENEZES.

O caso é que não se falle deste desafio como do de Raspail.

DOCTOR.

Ou como o de Gonzales Bravo.

CAPITÃO.

A proposito de Raspail, que tal achas a forma de governo que rege a França caro subrinho ?

DOCTOR.

Os homens de todos os tempos sempre divergirão sobre os systemas de governo: uns gostão dos absolutos, outros dos aristocraticos constitucionaes, aquelles dos democraticos republicanos ou mixtos, e finalmente cada um é amante da forma de governo mais lisongeira ao seu ideal, ou para melhor dizer, a sua posição: em quanto a mim, o melhor governo é aquelle que melhor governa.

Mil guerras sanguinarias se tem visto nascer da ambição dos partidos que dividem as nações! muitas destas facções compostas de homens cegos e fascinados por caudilhos as mais das vezes indignos do nome de homem, virão a face da terra e não fazer mais do que peorar de furtuna: a historia nos apresenta exemplos bem recentes.

A França, essa nação illustre, mãe de tantos genios sublimes em toda as sciencias; essa nação que deu leis a Europa guiada por um homem que levou seu nome ás pyramidas do Egypto, dando-lhes uma eloquencia nova com que as tornou mais magestosas e sublimes á face dos seculos, aiada á pouco negou a sua illustração com exemplos de barbaridade... Alli se vio um povo envolto em barricadas dando a morte aos primeiros homens da nação, sem piedade, reflexão, ou algum outro viso de juizo humano, representando-se a pasmosa tragedia d'uma guerra fratricida ante a qual o homem civilisado recua de espanto julgando que a civilisação soffoca no coração humano os impulsos da natureza!...

CAPITÃO.

A Europa excitada contra o poder supremo já por um lado corre do todo ao nada, e por outro do nada ao impossivel: apresentou-se na scena Lamartine, Kossuth, Mazzini e outros, e depois de vivos esforços e varios successos, virão desabar sua obra pelos mesmos que partilhavão suas idéas, e com elles fazião retumbar a tribuna com applausos das galerias cheias de seus proselytos e admiradores. Aqui é preciso reflexionar um pouco, e ver se no povo ou nos governos esta o germen das revoluções.

DOCTOR.

A resposta parece obvia e concludente:

Sempre que uma revolução apparece, ou o governo a excitou ou não a previniu: ainda mais, quando a maioria d'um povo se levanta e o poder se dispõe a batê-la, é evidente que pretende governa-la contra sua vontade, embora exponha a nação ao roubo, ao incendio, e a morte, em fim a todos os males da guerra civil pela ambição de sustentar-se: quem

n'este caso origina a guerra, o povo que se levanta para usar de seus direitos, ou o despota que o pretende aniquilar para continuar a dominá-lo? se Buenos-Ayres, por exemplo, se revolta-se contra Rosas e despedaçasse o tyranno arrastando-o pelas ruas, claro está que um tal procedimento era devido ao governo: ou o povo se ha de deixar destruir ou ha de insurreccionar-se, e neste caso a sublevação e um dever imposto pelas leis divinas e humanas que autorisáo o pequenino verme a conspirar contra tudo o que ameaça a sua existencia: é neste caso applicavel o proverbio —*vox populi vox dei*,— e eis resumida em poucas palavras á mais sublime theoria a favor dos povos sublevados com justa causa.

CAPITÃO.

Bravo! Eis a melhor definição de politica que tenho ouvido! Canning, Talleyrand, ou Peel, não resistiriam a este discurso! não ha que replicar....

MENEZES.

Justamente, não ha que replicar!

DOUTOR.

Agora esperemos os Inglezes que não devem tardar, (*ao capitão*) meu tio lêde este papel (*dando-lho*).

CAPITÃO.

O que vem a ser isto?

DOUTOR.

O meu testamento.

CAPITÃO.

Teu testamento!...

DOUTOR.

Sim, meu testamento...

CAPITÃO.

Depois o lerei, agora digo-te que Campbell.

De uma arma ante seus olhos
O medo o fará tremer.
E com o braço estendido
Não o poderá volver.
Todo o seu corpo de bruto
Sera um tremor nervoso
E depois de mil esforços....

CAPITÃO.

E depois de mil esforços
Nadará n'um mar de cerveja !

DOCTOR.

Bello consoante ! bravo ! sois um poeta pyramidal !

CAPITÃO.

Pelo menos não sou plagiário. Porém o inglez deramará tantas lagrimas que atirão em meu peito um incendio, um volcao de furias ; e para provar-lhe que sou bom padrinho o menos que farei é cortar-lhe uma orelha.

DOCTOR.

Corta-lhe uma orelha!... *Scandit fatalis machina muros fœtæ armis...*

CAPITÃO.

Dominus tautem pauper suavitate apertatis Inglis ore gilis cortaris por insolentis brutis.

DOCTOR.

Bravo ! esse latim e de Oudinot ou de Luiz Napoleon ?

CAPITÃO.

E de Carlos Magno, d'esse cuja intriga assegurou o poder temporal do pontifice romano.

DOCTOR.

Por isso sua memoria e tão venerada do governante... *Bona partitio!*..

MENEZES.

Certus est.

CAPITÃO, *desdobrando o testamento.*

Vamos... a... ver esta peça d'architectura egypcia.

DOCTOR.

Sim, lêde o meu testamento.

CAPITÃO, *lendo.*

« Eu doutor Mattos Coutinho, cidadão brasileiro, estando comprometido a bater-me em duello, se for vontade de Deos que eu perca a vida...

— Perder a vida ! este meu sobrinho estava dormindo quando escreveu este testamento. —

« Se for vontade de Deos que eu perca a vida, deixo tudo o que possuo
« a Adelia de Numancia, minha legitima esposa a quem peço perdao de a
« privar do meu apoio, se for essa a minha sorte.

« *Dr. Mattos Coutinho.* »

— Isto é que se chama laçonismo ! porém falta-lhe ainda muito do
perfil de Miguel Angelo ou Raphael.

MENEZES.

Ou de Campbell que deve ser um pintor quadrilatero.

CAPITÃO.

Mas disse-me, caro sobrinho, Adelia não deve saber deste negocio ?

DOUTOR.

Se eu morrer no ceo nos veremos.

CAPITÃO.

Já o vistes seguem me parece !

DOUTOR.

Não, foi simples experiencia de magnetismo.

CAPITÃO.

A proposito de magnetismo, já leste a obra de L. Alph. Cahagnet.

DOUTOR.

Sim tenho lido; é um cahos insondavel de conjecturas que algumas
vezes fascinao.

CAPITÃO.

És espiritualista ?

DOUTOR.

Sou homem racional... sou espiritualista.

CAPITÃO.

Logo sois dos que resolveis as questões pelo facto é não pelas palavras ?

DOUTOR.

Justamente, *res verba, sed facta.*

MENEZES.

Tambem é facto de que vem Campbell.

CAPITÃO.

Melhor para mim que dentro em pouco terzi uma orelha. E dar-lhe-
hei algumas taboas para salvar-se da tempestade pois que o mar embra-
vecido, sepultaria o desditoso naafragio.

MENEZES.

Em defeito de taboas pode prender-se a um raio de lua, porque os
Inglezes pretendem que ella é sua protectora.

CAPITÃO.

E aproveitão a obscuridade para roubar, queimar, etc., etc.

DOCTOR.

Heuve tempo em que elles se occuparão em fazer torres afim de che-
gar a esse planeta, mas Deos que nao soffre soberbos queimou a cuspide
e derribou o cimento.

CAPITÃO.

O mesmo tu farás ao teu rival... (*com sorpresa*) ei-lo que se apro-
xima.

SCENA IX.

Campbell e Brown apparecem acompanhados de Room com um grande caixão
na cabeça : o Dr. e Campbell sabem o recebe-los e rondao-se mutuamente.

CAMPBELL, BROWN, DOCTOR, CAPITÃO, MENEZES, MULEY, ROOM.

CAMPBELL

Water temprano stá boni, eu ser boni y beat me pist prompta.

DOCTOR.

Est justitia, et fortitudine, et temperantia, et prudentia, et religione,
et cæterarum virtutum laudo florebat !

CAPITÃO.

Sr. Dr. Mattos Coutinho ?

DOCTOR.

Que ordena Sr. Capitão ?

CAPITÃO.

Está prompto para o combate ?

DOCTOR, *com resolução.*

Promptissimo.

BROWN, *a Campbell.*

The, weather es now mild.

CAMPBELL.

Yt begins to grow dark.

BROWN.

Yt is a Starlingth nigh.

CAMPBELL, *a Room.*

Viscork that bottle.

ROOM.

Yes, yes. (*Destapa uma garrafa que dá a Campbell.*)

CAMPBELL.

Beber, sir Doctor.

DOCTOR, *fingindo beber.*

Muito bom, obrigado Sr. Campbell !

BROWN.

Sir draws along his leg.

CAMPBELL.

Yle draws near us. Let us drink abouty.

BROWN.

Leaves drap off.

CAMPBELL, *tirando o relógio.*

Sir Doctor, sendo catre... e minuta...

DOCTOR.

Estou prompto, Sir Campbell !

CAPITÃO.

Ao combate !

CAMPBELL.

Y falt to.

BROWN.

Y look upon it that it is not true.

CAPITÃO.

Senhores, acabemos com isto antes que venha o dia.

BROWN, *sortear.*

Não é verdade ?

CAPITÃO.

Naturalmente !

CAMPBELL, *vendo Menezes.*

Sir por aqui !...

MENEZES.

Venha assistir,...

CAMPBELL.

Oh ! si... si.... eu gostar que tu ver como mato sir doutor.

MENEZES.

Veremos isso !

BROWN, *a Room.*

Look about, pólvor, bales, pistol.

ROOM.

Yes, yes. *(Abre o caixão e lhe entrega).*

DOUTOR, *a Muley.*

Muley , venha a pistola !

MULEY.

Ei-la aqui senhor ! *(dando-lha).*

BROWN, *examinando a pistola do Doutor.*

Essa pistol é pequen !...

CAMPBELL.

Ahi no bate sem que tomar grand pistly e por a matando after haver tomando armas mis.

DOUTOR.

E' a mesma cousa.

BROWN, *apresentando duas palhinhas.*

Aqui sortear !

CAMPBELL.

O que tira grande atirar primeiro !

DOCTOR.

Convenho!

CAMPBELL. *tirando uma palha.*

Eu tirar primer!

DOCTOR.

Porque não, Sr. Campbell...

CAMPBELL.

Bem agarrar pistly mi porque ande que mi não matar, quer mi tirar primeiro a ti matar.

DOCTOR.

Sim senhor, isso é muito racional...

SCENA X.

Menezes, Muley e Room retirão-se a um lado. O doutor tomã tuma postura grave e decidida. O capitão e Room ficão próximos.

DOCTOR, CAMPBELL, BROWN.

CAMPBELL, *com a pistola em punho.*

Matar e matarei. Y was to disse. Diable! we must take care not to expose ourselves to danger (*examinã a pistola com attenção*). He who kills by the sword dies By the sword. Diable! este pystly pequen pystly, melhor ser canon de *Cormorant*.

DOCTOR, *com impaciencia.*

Atire, Sir Campbell, não esteja com preludios!

CAMPBELL, *tremendo.*

Get away from here, e logo matar.

BROWN, *chegando-se a Campbell.*

Never take it to heart.

CAMPBELL.

Yes, yès, the age to come.

SCENA XI.

CAPITÃO, DOUTOR, CAMPBELL, BROWN.

CAPITÃO, *chegando-se ao Doutor.*

Obrigai vosso adversario a entrar em seus deveres! não queiramos fazer d'um lança de honra uma scena burlesca! Antes morrer que ser covarde! ao combate Sr. Doutor Mattos Coutinho.

DOUTOR.

Eu, estou prompto.

CAMPBELL, *tremendo.*

Formalizar? formalizar? Diable! He bears up aganist mis fortune. Diable!

BROWN.

Sou beat him down in argument.

CAPITÃO.

Cada um a seu posto!

BROWN.

Yes, yes, a combate!

CAMPBELL, *estende o braço e o encolhe repetidas vezes olhando para a boca da pistola.*

Diable! Y tum off... Diable! Ca, apum... fogo! (*desvia a cara a um lado e a pistola não dispara*) Diable! sir Brown mi nao ter force mi dedes! Why wish forthat (*põe-se em acção de combate.*) Eia! tirar! pum! fogo! (*Cae-lhe a pistola da mão.*)

SCENA XII.

Brown aproxima-se a Campbell com enojo; o Capitão toma o Doutor pela mão e o faz tocar a mão de Campbell: emquanto agarra a este por uma orelha e as demais personagens riem-se disfarçadamente.

DOUTOR, CAPITÃO, BROWN, CAMPBELL, MENEZES, MULEY, ROOM.

CAPITÃO, *segurando a orelha de Campbell.*

E's um covarde!

CAMPBELL.

Yes, yes. (*Quer fugir.*)

CAPITÃO. *segurando-o.*

Fugir ! venha uma faca para cortar esta orelha.

CAMPBELL.

No for we do nat ... ay ! ay ! mi oreji ! Diable ! soltar... soltar... ay ! ay ! mi oreji.

CAPITÃO.

Falle claro sô malandrim ! falle em termos que o entendão!...

CAMPBELL.

Yes, yes. (*Quer fugir de novo.*)

CAPITÃO. *assegurando-o.*

Agora sim que são as duas orelhas. Venha essa faca.

CAMPBELL.

Não fugir mais, e não cortar.

CAPITÃO.

Não fugirá, não senhor, vós Inglezes sois activos, laboriosos, etc. , mas em lances de honra... vis, covardes !... Não tendes valor nem honradez !... sois dignos subditos de Lord Palmerston !... Recebemo-los em nossa terra (*accionando e olhando ao Doutor e Menezes*), permittimos-lhes livre uso de suas artes e sciencias, em fim tratamo-los muito melhor que o seu governo, e que faz em troca, o lobo Inglez ?

MENEZES.

Faz de nos o ludivrio das mais nações, dizendo no *bill* de Palmerstron: « São Brasileiros, não tem forças para repellirnos ! »

DOUTOR.

Oh tempora ! vejão o que nos traz a hospitalidade que damos ao estrangeiro inglez ! Cantai poetas, cantai, rasgai cidadãos vossos vestidos, derramai cinza em vossas cabeças enthoando tristes endeixas ao Supremo Creador do Universo.

CAMPBELL.

Sire, y gire you a great de al of trouble ?

CAPITÃO, *sem deixar a orelha.*

Que dizes inglez covarde ?

CAMPBELL.

Diz si mi incomode a sir !

CAPITÃO,

Incomodar, sim senhor, pois por isso vas a morrer !...

CAMPBELL *caindo de joelhos e levantando as mãos.*

Oh ! sire, mi no morir!... não matar iou, e mi dar 30,000 livr esterlings !

CAPITÃO, *rindo sem largar a orelha.*

Eis o recurso desta gente , quando não triumphha pela traição, emprega o ouro !...

DOCTOR.

Gente ingrata !... na qual a ambição é soberba suffoca um dos mais sublimes attributos com que adornou Deos o coração humano !... o ingrato perde de vista os beneficios que se lhe fazem, por que seu orgulho o faz levantar a cabeça mais alto. O orgulho fez olvidar a Bruto os beneficios do Cesar, a ingratitude pus em sua mão o punhal que attavessou o coração de seu soberano e bemfeitor. A ambição gera a perfidia, a má fé, e tudo o que degrada o genero humano ! Rosas depois de jurar nas aras da patria fazer bom uso das faculdades extraordinarias que o povo lhe concedeo, assassina na camara representativa o presidente de seu conselho. O melhor dos cidadãos, o mais habil estadista, quer coarctar os desatinos do desenfrenado governante, mas elle avisado pelas suas creaturas (*), apunhala com sua propria mão o infeliz Presidente do Congresso Nacional, a quem devia em parte a sua elevação, e mais serviços d'alta importancia !... *Ingrato homine terra pejus nihil creat.*

CAPITÃO.

É verdade ! mas agora fique de joelhos Sr. Campbell !

BROWN, *em tom supplicante.*

Deixar Sir Capitão !... não fazer mal a meu amigo !...

CAPITÃO.

O que ? eu deixar ! ha de morrer... e como Catholico, Apostolico, Romano. Muley !...

(*) Fontes foi o primeiro delalor, Maza a victima.

(O AECTOR.)

MULEY.

Prompto senhor....

CAPITÃO.

Se esse inglez quizer fugir.... fogo n'elle !...

CAMPBELL.

Largar mi orelh, Sir Capitão !... Diable ! assi doer muito !...

CAPITÃO.

Morra como Catholico, Apostholico, Romano !...

BROWN, *chorando.*

Deixai sir a meu amigo!... não fazer nada qui eu lastimar sua sorte!..

CAPITÃO, *com ironia.*

Coitado !...

BROWN, *chorando.*

Deixar si, deixar a.... hi... hi... hi... deixar sir Capitão !...

CAPITÃO, *com affectada furia.*

Nada! Callai-vos Sir Brown, quando não....

DOUTOR, *com compaixão.*

Deixai esse miseravel, que va divertir-se com seus toneis !...

CAPITÃO.

Que diz o Sr. Doutor ? era o que faltava !

DOUTOR.

Bem meu tio... dux prudens imperat.

CAPITÃO, *ao Doutor a parte.*

Não penseis que eu abuse da vantagem que temos sobre o nosso adversario.... eu quero tao sómente humilha-lo como merece pelo seu descaro, e covardia !...

MENEZES.

Isso é justo e de razão !...

CAPITÃO.

Ajoelhe-se como christão, Sir Campbell!

CAMBELL.

Estando ajoelh.

CAPITÃO.

Crês em Deos todo poderoso, creador do ceo e da terra incluindo a Ilha Britannica ?

CAMPBELL, *levando as mãos para o ceo.*

Crér em Deos.... oh ! si my erer !

CAPITÃO.

Crês na missa, confissão, mysterios do SS. Trindade ?

CAMPBELL, *erguendo-se.*

Eu protestante ! diable ! Y tis break fart time.

CAPITÃO, *agarrando-lhe a orelha.*

Ajoelhe-se !

CAMPBELL.

Si sir, pazes arang eu tudo crenda. Ay! não tirar orelh !

CAPITÃO.

De modo que não es mais protestante ?

CAMPBELL.

Jurar mi não ser mais protestante, e dizer que Henrique VIII, Cramer, Cronwel e Palmerston ser patifes !

CAPITÃO.

Bom ! já estou mais satisfeito.... agora beije a terra.

CAMPBELL, *beijando o chão.*

Mi faz tudo, mas não arrank orelh.

CAPITÃO, *largando a orelha.*

Bem ! não quero arrancar a tua orelha.

CAMPBELL, *esfregando a orelha.*

Diable! doença orelha, ter que gastar 10 libras sterlings. Diable! doença mi orelha.

CAPITÃO, *rindo-se.*

Sr. Doutor perdooas de coração ao vosso adversario ?

DOCTOR, *rindo-se.*

Eu... não sei que...

ROOM.

Sentir vindo, talvez sendo ejercito de querer prender.

CAMPBELL. *esfregando a orelha.*

Si mi orelh prendendo.... cortando.... agarrando.... diable! doenza gastar 10 libras.

SCENA XIII.

Quando o Doutor quer responder, Adelia chega apressadamente seguida de dous criados. Brown e Room sentão-se ao lado de Campbell, o Capitão ao de Menezes, e Muley forma um grupo com famulos de Adelia.

OS DITOS E ADELIA.

ADELIA, *cahindo aos pés do Doutor.*

Meu querido Coutinho !

DOCTOR, *levantando-a internecido.*

Minha Adelia !

ADELIA, *olhando em torno de si.*

Que foi isto, caro esposo?..

DOCTOR.

Nada, minha esposa, ou quasi nada; um simples capricho de poeta... sabes que gosto do raiar da aurora....

ADELIA *inquieta e olhando para todos os lados.*

Porém... sem ao menos avisar-me... oh ! *(vendo a pistola que cahira a Campbell)* e esta arma... que significa isto ? !...

DOCTOR.

É para caçar passarinhos, e embalsama-los para adornar o teu gabinete.... *(N'este momento Adelia está proxima a desmair; o Doutor com transportes de ternura aperta-a contra o coração).* Volve em ti minha Adelia ! não te afflijas desse modo.... nada me aconteceu : queria ver Eneas e Anchises n'uma constellação da estrella pollar.

ADELIA.

Ah ! quem são essas pessoas ?

DOUTOR, *olhando para o Capitão.*

São uns amphibios vindos de Londres que dao noticia da continuação das infamias inglezas pelo seu ministro Lord Palmerston ; e o peor é que depois de queimar os Gregos, querem sujeitar-nos a exercicios chimicos...

ADELIA, *com ternura.*

Ingrato ! deixar-me para expôr-se á morte !... sem dizer nada !... eu bem conheço tudo !.. não sou digna de saber os teus segredos ! ah ! porque não devia eu partilhar a tua sorte ? o que seria de mim se tu morreses ? sem ti não quero a vida, amado esposo !... (*chora*) mas por Deos... por tua Mãe (*cahindo aos pés do Doutor*) pelo que tens de mais caro no mundo... explica-te... livra-me desta anciedade... socega a tua esposa... senão queres a teus pés vê-la expirar !...

DOUTOR, *com voz commovida.*

Enxuga o pranto, minha bem amada !... ah ! não dilaceres o meu coração !... não estou a teu lado ? para que pois te affliges ? eu juro viver e morrer contigo !.. não mais deixar-te, minha chara Adelia !.. (*abraça-a*) perdôa-me, querida esposa... sou indigno de ti ! só tu pôdes fazer-me a vida prazenteira !... porém... ah ! os vis e ignorantes absorvem ás vezes nossas mais preciosas faculdades e nos fazem descer á sua esphera !.. Que partido podemos aceitar d'um homem que treme diante de nós e' uma arma na mão ? Além disso, o homem civilisado emprega a razão para convencer, a paciencia para persuadir ; presta a devida attenção ao seu adversario, e deixando-o livremente expender suas idéas, coordena tambem as suas : é deste modo que, sem recorrer ao ferro, se elucidão as questoes mais complicadas. Ao contrario, os homens faltos de bom senso, aquelles em que predomina o materialismo, são de ordinario os primeiros a pedir reparações que degradao o homem, assimilhando-o aos brutos ; mas quando chega o momento das provas, mostrao cobardia e pusillaninidade. E' deste modo que houve comigo um insolente inglez. Perdão, querida esposa, a arma que deixou cahir esse cobarde foi quem te causou tão grande susto ! Não duvides do meu amor ! eu não queria affligir-te... por isso tudo occultei... mas perdôa-me, não é verdade ? (*Abraça-a*).

ADELIA.

Tranquillisai-vos, querido esposo ! eu acordei de manhã... vi-me sózinha... e então julguei que algum máo genio te havia arrancado dos meus

braços !... levantei-me inquieta. . . corri tudo, e por fim achei-te amado esposo. (*Abraça-o*).

DOUTOR, *commorido*.

Palavras que dão vida !.. balsamo divino que fortifica a existencia !... sentai-vos, chara esposa, descansai. . . Muley !

MULEY.

Meu Senhor !

DOUTOR.

Cuidai na Senhora !

MENEZES, *à parte*.

Nobre creatura !...

DOUTOR.

Sr. Campbell !

CAMPBELL.

Pronte my sir Doctory !

BROWN.

Room !

ROOM.

Pronte sir

BROWN.

Fazer tudo quanto mandar sir Doutor.

ROOM.

Yes, yes. (*Com ironia, e trocando olhares com Brown*).

SCENA XIV.

O Doutor toma Adelia pelo braço; e falla em voz baixa ao Capitão e com passo acelerado se dirige a Campbell.

DOUTOR, *com voz imperativa*.

Mister Samuel Campbell a joelhe-se diante da rainha do Universo !

CAMPBELL, *olhando para Brown*.

What do you make of that ?

DOUTOR.

Ajoelhe-se, senhor !

CAMPBELL, *obedecendo*.

Oh ! si my cumpri ord, yes, yes !

DOUTOR.

Muley !

MULEY.

Meu senhor !

DOUTOR.

Venha uma pistola carregada !...

ADELIA, *assustada.*

Meu Deos !... uma pistola carregada.... para que ? ..

DOUTOR.

Socega, minha Adelia, não é nada....

DOUTOR, *dirigindo-se a Menezes.*

Senhor Menezes, chefe de policia tenha a bondade dar-me attenção !

MENEZES, *aproximando-se.*

Pois não senhor !...

DOUTOR.

Que castigo merecia este senhor (*Apontando a Campbell inda de joelhos*) por insultar a um cidadão do paiz que generosamente o hospeda ?

MENEZES.

Em quanto a mim, merecia ser expulsado ignominiosamente com uma guilhotina de presente para Lord Palmerston a fim de que se suicida-se antes de ser tragado por algum cayman do Nilo. Porém a magistratura brasileira que sabia e magnanima, perdôa ao Sr. Campbell; exigindo-lhe sómente no futuro mais circumspeção e prudencia para captar as sympathias de seus semelhantes. E o que tenho a dizer a respeito do Sr. Campbell.

DOUTOR, *engatilhando a pistola.*

Beh ! agora minha Adelia, que este insolente (*apontando para Campbell que treme desordenadamente*) está absolvido d'uma falta moral perdoadas-lhe o haver dado com seu punho neste peito (*tocando o peito*) que é teu, que só por ti respira ?

ADELIA, *enternecida.*

Eu perdo-o quanto é digno da compaixão meu charo esposo; e quando for de teu agrado que eu perdoe.

DOUTOR, *engatilhando a pistola.*

Bem! agora, minha Adelia, que este insolente (*apontando para Campbell, que treme desordenadamente*) está absolvido d'uma falta moral perdoadas-lhe o haver dado com seu punho neste peito (*tocando em seu peito*) que é teu, que só por ti respira?

ADELIA, *enternecida.*

Eu perdão, quanto é digno da compaixão, meu charo esposo, e quanto fôr de teu agrado que eu perdôe!

DOUTOR.

Este senhor, que se chama Samuel Cramner Campbell, insultou-me e a todos os meus compatriotas quando passeava tranquillamente com meu tio. O senhor chefe de policia vio-se obrigado a intermediar para evitar um escandalo que podia ser publico, a não ser as suas providencias: tudo se arranjou por entao, mas elle continuou a exigir satisfações e provocou-me a um desafio. Foi este o lugar designado para o combate, e quando esperava que ao menos soubesse descarregar a sua arma, deixa-a cahir, e foge vergonhosamente!... eu podia servir-me da vantagem que me deo, mas não o fiz porque sou — Americano semi-selvagem — quero mostrar ao mundo uma prova evidente de como é certo o que dizem os governos da culta Europa — a sua pouca civilisação nos prejudica. — Ora. Sra. Adelia na America tambem ha inimigos generosos, probos, magistrados, mulheres heroínas!

ADELIA.

Quanto és nobre, caro esposo! de talento e virtudes adornado tu serás um dia a gloria de tua patria!... o homem deve dar conta a Deos do genio que delle recebeu! Os grandes homens perdoão, porque o errar é propriedade dos homens, e o perdoar, das almas grandes e virtuosas!...

ADELIA.

A justiça humana, que sempre deve marchar com a divina, põe a teu adversario livre da pena material; seja tambem livre da minha, que quero ser para o meu esposo uma heroína. Viva Samuel Cramner Campbell!

DOUTOR.

Pois viva Adelia minha!... tu o mandas... (*descarrega a pistola ao ar, e levanta Campbell*) viva! dizem todos em signal de regosijo.

SCENA XIV.

Formão todos uma roda: o Doutor, Adelia, Capitão e Menezes sentão se juntos: Brown e Campbell fazem o mesmo, Muley e os dous famulos de Adelia ficão perto de seus amos: Room ao pé de Campbell.

DOUTOR.

Está tudo concluido, Sr. Campbell! espero que entre nós não haverá mais differenças, e que quando o *Riflesman*, o *Cormorant* ou qualquer outro navio inglez vier insultar nossa bandeira, o senhor dirá publicamente: Maldição ao governo britannico!...

CAMPBELL.

Yes, yes, mi jurar e dizer que Palmerston sér pátife e you amar o Sir Douctory e brasilier!...

CAPITÃO.

Deos queira que assim seja!... Em quanto ao que acabo de presenciar direi todos os dias: ha loucuras muito graciosas!

O diabo tambem dizia quando estava em Londres:

Ha governos muito infames!
Como é vil o governo inglez!

DOUTOR.

Como os que o compõe chorão seus impulsos de bondade, e contão suas intrigas diplomaticas! São a copia viva d'Escaligero com seu fluxo deslinguado e atheista, sem juizo humano!

CAPITÃO.

Escaligero é o enviado extraordinario de Lucifer na côrte de Londres, cujo secretario se chama D. Pacifico?

DOUTOR.

E' justamente o mesmo caro tio, é esse que tem muita intimidade com lord Palmerston. Não ha muito que juntos beberam uma pipa de Cognac, e quando já o cerebro não estava christão, juraram sobre o punho da espada de Democles: Queimar os portos do Brasil, e pisar seu pavilhão com o bill ministerial na ponta do sabre para honra e gloria da rainha Victoria — Defensora da Fé. —

CAPITÃO.

Agora me lembro d'outro juramento de lord Palmerston quando disse: juro arrasar e acabar d'um só golpe toda a esquadra grega!

DOUTOR, *com ironia.*

Simples medidas coercitivas do nobre lord!...

MENEZES.

Destruidoras lanças que aqui vêm chegando!

CAPITÃO.

Nada de fallar nisso, Sr. Menezes.... é peccado! e.... se Palmerston chegar a saber....

DOUTOR.

O que poderá elle fazer?

CAPITÃO.

Mandar queimar o nosso café?

DOUTOR.

Mas ainda nos fica a aguardente....

CAMPBELL.

Yes, yes, Sir Doctor y ir beber drok!

DOUTOR.

Sim, senhor, iremos a minha casa se o Sr. Campbell quizer dar-me essa honra.

BROWN.

Sir honra será para nós.

DOUTOR.

Então vamos meus senhores (*Room toma o caixão das pistolas e segue a seus amos Muley faz outro tanto*).

SCENA XV.

No momento de sahirem muda repentinamente a scena succedendo ao machinismo do segundo acto um circulo phantasiado de arvores e flores. Campbell, Brown, e Room ajoelham-se machinalmente. O Doutor e Adelia os olhão com lastima. Menezes, o Capitão e Muley ficam perto do Doutor, e Adelia e os seus famulos que com ella vierão, ao pé do Capitão e Menezes.

Entrão pela porta do fundo seis anjos procedidos d'um estandarte bordado com a seguinte inscripção :

Honra, Verdade, e Soberania

Pela mesma porta vem pouco depois seis outros anjos precedidos de um estandarte negro e sem bordado com a seguinte legenda :

Traição, Mentira, Ignorancia !

Os seis primeiros a um signal do estandarte rodeião os actores da secção brasileira (que se assentão expontaneamente) e formão sobre suas cabeças arcos triumphantes, com coroas de flores.

Os outros seis rodeião os actores da secção ingleza (que continuão a estar de joelhos) e com coroas de flores negras formao arcos como os primeiros. Então os dous anjos que trazem estandarte colloca-nos no mais alto de cada grupo, um dos outros anjos sustenta-os sem deixar de formar os arcos com sua respectiva coroa. Em seguida cada um tira um lenço em forma de quadro, e collocando-se á frente das respectivas secções, o desenrola na extenção dos braços. O lenço de secção brasileira é branco, e com letras visiveis para todos, da maneira seguinte :

Appendei juizes improbos e ignorantes a ser sabios, generosos e prudentes como o Sr. Julio Menezes, chefe de policia da capital do Imperio do Brasil : elle é o defensor dos direitos do povo e não seu oppressor.

E vós orgulhosos, e ignorantes fazei por ser philosophos, christãos, e civilisados como o Doutor Mattos Coutinho que despresando a soberba e altivez do vicio coberto com o manto da hypoecrisia unio seu destino ao de Adelia de Numancia, joven mais bella, mais pudica e caritactiva do sexo feminino brasileiro. Ella prefiria perecer, antes do que render sua honra ; foi por isso que depois de lutar com a miseria, captou pelo seu nobre proceder a admiracao do Sr. Coutinho, genio de preferencia que subirá ao zenith da immortalidade !

Apprendei tios indolentes, falsos e hypocritas a apreciar as vantagens de familia á imitação do Capitao, e lembrai-vos que na outra vida ha tormentos para os malvados !

Trabalhai escravos infelizes, trabalhai com ardor para alcançar a posição que occupão os homens que servem o Doutor Coutinho e Adelia de Numancia, que vem em suas dependentes imagens do Criador. Eis aqui o principio d'uma nova era que acabará com a insolente Albion !

Sua grandeza fundada em cadaveres e sangue virá ao pé do nada. Seus fillos andarão como comopolitas, pereorrendo a terra, experimentando todos os rigores da infortunada sorte, até que aquelles a quem hoje hostilisao seus governos, lhes concedam terreno em que vivão, não como escravos, senao como filhos do Ente de todos os entes — respeitando os direitos de seus semelhantes. —

O lenço da secção ingleza dirá :

Eis a perfeita idealidade da ruina britanica prostrada aos pés de sua mesma grandeza. Preciso era que um successo como o de Myster, Campbell demonstra-se a proxima destruição d'uma nação elevada ao cumulo da grandeza infernal, por escadas de tribulações e lagrimas dos pacificos habitantes a quem martyrisou.

As melhores idéas, juizos, e principios serão proclamados nas vastas margens do Amazonas, e o mundo inteiro participará do beneficio que fará a paz universal para seculos sem fim !

Gloria ao Brasil e a todos os continentes americanos !

Saude, Paz, e Fraternidade !

Esta scena depois da vista dos lenços durará doze minutos, cujo espaço será minorado por uma musica suave e melancolica que sahirá d'entre os bastidores.

O panno cabe com um grito de todas as personagens :

Viva a nova era social que assegurará a paz universal com a queda do insolente Albion !

Viva ! viva ! viva ! vergonha ao governo Britanico ! oprobio ao nome Inglez !

FIM.



103-106

18344

